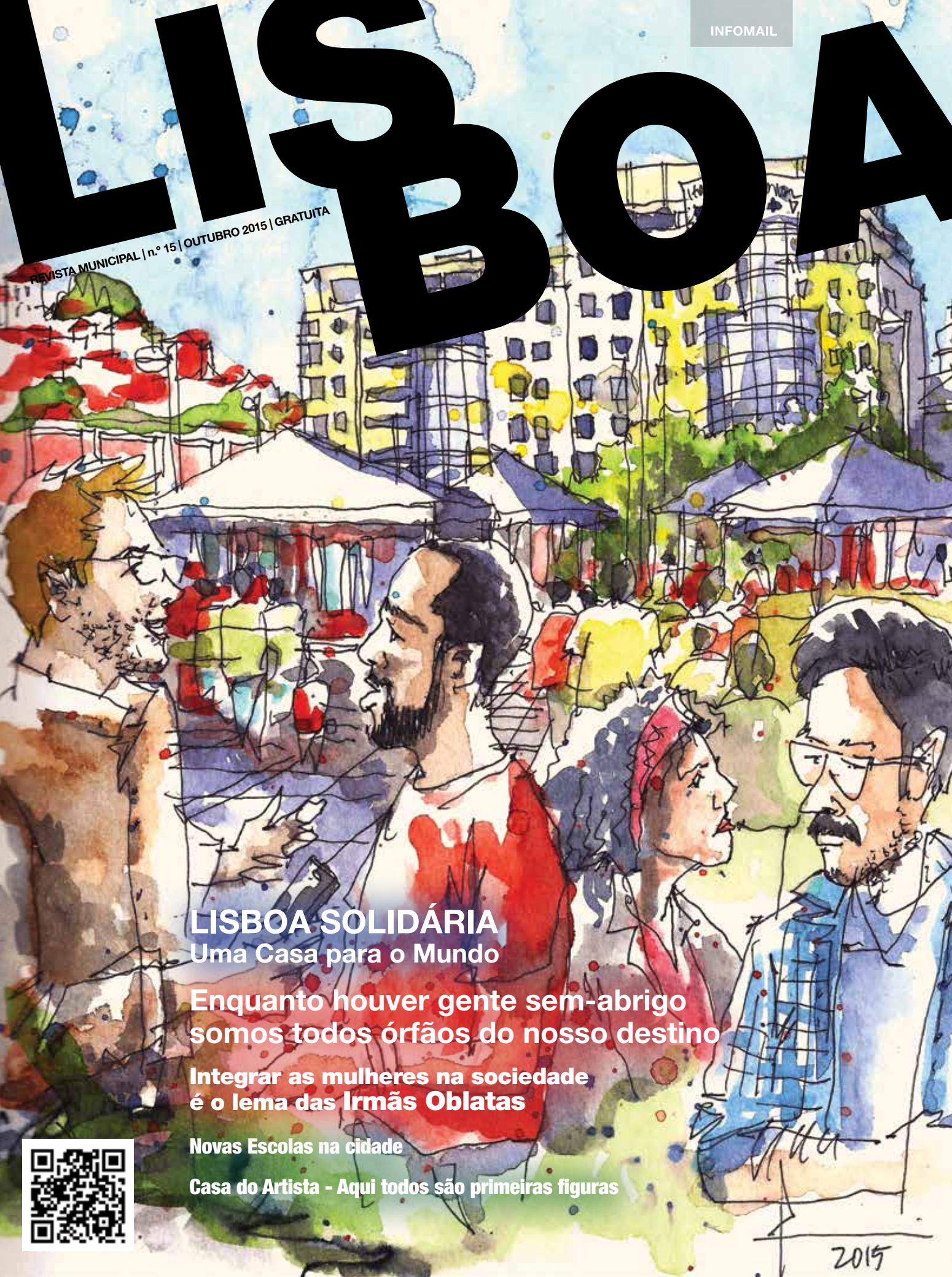


LISBOA

REVISTA MUNICIPAL | n.º 15 | OUTUBRO 2015 | GRATUITA



LISBOA SOLIDÁRIA

Uma Casa para o Mundo

Enquanto houver gente sem-abrigo
somos todos órfãos do nosso destino

Integrar as mulheres na sociedade
é o lema das Irmãs Oblatas

Novas Escolas na cidade

Casa do Artista - Aqui todos são primeiras figuras





02

08



14

18



12



36

40



42

46

2 descobrir

- 2 Enquanto houver gente sem-abrigo somos todos órfãos do nosso destino
- 4 Na Quinta do Lavrado “Loja da Solidariedade” abre portas às pessoas sem abrigo
- 5 Existe lugar para a diferença
- 6 Guia de Lojas Sociais
- 8 Prostituta, Mulher, Cidadã
Devolver a dignidade humana é o dia a dia das irmãs Oblatas
- 12 Uma Casa para o Mundo
- 13 A Avó veio trabalhar | BIP ZIP 2015
contempla 36 novos projetos |
Quiosque da Saúde
- 14 NISAC - A outra face dos Sapadores
- 16 S.Ó.S. Uma linha telefónica contra a solidão

18 conhecer

- 18 Novas escolas na cidade
- 25 Um posto de vigia na Escola das Laranjeiras
- 22 Arte por São Cristóvão - Todos pela recuperação da igreja
- 24 Página do Site
- 26 Empreendedorismo
- 28 Atualização do Plano de Drenagem de Lisboa
- 29 Olisipiadas promovem convívio intergeracional | Lisboa vai ao Parque |
Marcha e corrida em Lisboa

- 30 Plano de Reabilitação de vias
- 31 Salão Imobiliário 2015 | Regulamento de Infraestruturas em Espaço Público |
Open House Lisboa 2015
- 32 Cais do Sodré e Campo das Cebolas - Mais espaços verdes e pedonais

34 sentir

- 34 Lojas com Alma
Camisaria Moderna - Da arte do bem vestir à ética do bem fazer
- 36 Rostos de Lisboa
Helena uma ardina de Lisboa
- 38 Lisboa na Imprensa Internacional

39 olhar

- 39 Jovens com deficiência pintam mural em Telheiras | Lisbon Passport |
Arte urbana de Myneandyouros no Mercado Forno do Tijolo
- 40 Casa do Artista - Aqui todos são primeiras figuras
- 42 Lisboa e os Urban Sketchers
- 44 Coming Out - E se o Museu saísse à rua? |
ModaLisboa The Timers | Os dias do Desassossego
- 45 Eventos em Destaque
- 46 À conversa com Teresa Ricou ... no Castelo de São Jorge
- 48 Correio dos Leitores

FICHA TÉCNICA

Fotografia

Américo Simas | Ana Luísa Alvim | Armindo Ribeiro
José Barbosa | Luís Ponte | Manuel Levita | Nuno Correia
Arquivo DMC: Célia Martins | Filipe Almeida

Design, Ilustração e Paginação

Catarina Amaro da Costa | João Ferreira | José Carrapatoso
Marta João Pardal | Marta Barata

Impressão Multiponto, S.A.

Tiragem 350.000 ex. | **Depósito Legal** 341672/12

ISSN 2182-5556

Inscrição na ERC Anotada

Periodicidade Trimestral

Distribuição Gratuita



Vivemos hoje tempos em que não é possível a indiferença. Todos somos chamados a estender a mão a quem precisa. Não se trata de caridade de circunstância: trata-se de apoiar gente a reerguer-se e a reconstruir a sua vida de forma sustentada.

A coesão social constrói-se com justiça, redistribuição e solidariedade. Foi assim que as nossas aldeias de séculos passados conseguiram sobreviver em harmonia através de tempos implacavelmente agrestes, resistindo às iniquidades dos poderosos. As modernas formas de vida urbana substituíram esses mecanismos sociais locais, entretanto desaparecidos, por uma grande conquista da civilização: o Estado Social.

Quando, mercê das crises (mais ou menos conjunturais, mais ou menos estruturais) e das opções ideológicas do poder central, o Estado Social se vai desintegrando perante os nossos olhos, emergem situações dramáticas que esperávamos não voltar a assistir após a revolução emancipadora de 1974. Vivemos hoje tempos em que não é possível a indiferença. Todos somos chamados a estender a mão a quem precisa. Não se trata de caridade de circunstância: trata-se de apoiar gente a reerguer-se e a reconstruir a sua vida de forma sustentada.

Em Lisboa, a sociedade civil e o poder local, na ausência de outros, não ficaram indiferentes às necessidades atuais. A cidade soube encontrar novas formas de ajudar os mais vulneráveis, porque uma cidade só é inteira quando é partilhada por todos os seus cidadãos,

em liberdade e dignidade. Em justiça. Lisboa acolhe os justos e os injustiçados. Lisboa é solidária. 🏡

CONVIDAMOS para a capa deste mês



Pedro Alves é um arquiteto e ilustrador, de Torres Vedras. Para ele, “o desenho sempre foi uma paixão constante e foi um meio que usei toda a minha vida para expressar as minhas ideias ou para representar personagens de animação que adorava”. Faz parte do grupo Urban Sketchers desde 2014, mas considera-se um “urban sketcher” há mais de 10 anos.

Trabalhando em Lisboa, aproveita a hora do almoço para encher blocos atrás de blocos com situações da vida da capital. “O desenho é a minha vida e o meu trabalho, serve para a minha constante evolução e busca de novas formas de estar e de comunicar”, sintetiza Pedro Alves.

dklimpgen@gmail.com



ENQUANTO HOVER GENTE SEM-ABRIGO SOMOS TODOS ÓRFÃOS DO NOSSO DESTINO

Quando, ao fim do dia, quase todos regressam a casa, há uns quantos que ficam condenados ao seu chão. Enquanto a luz desmaia no estreito horizonte da cidade e a escuridão toma conta das ruas, quem não tem abrigo onde se recolher fica agarrado à solidão, a olhar para o alto. Mas nem sempre há estrelas no céu. E raramente as descobrimos no seu olhar.

[texto de Luís Miguel Carneiro | fotografia de Américo Simas]

Os sem-abrigo não são anjos caídos por castigo nem demônios ardilosos em busca de compaixão. São apenas pessoas que tropeçaram numa armadilha ou se perderam nos meandros da vida. O desemprego gerado pela crise dos últimos anos, a penúria social (material e moral), uma lei do arrendamento que facilita o despejo dos mais vulneráveis, um Estado Social cada vez mais insuficiente e a visível indiferença de alguns poderes públicos atiraram para a rua milhares de portugueses. A maior parte, por vontade própria ou suficiente solidariedade, soube levantar-se e prosseguir o seu caminho.

Mas há os que o não conseguem fazer por si próprios, nem com basta ajuda.

Atualmente, há, em permanência, cerca de 400 pessoas sem-abrigo nas ruas de Lisboa. Num dado momento, quase outras tantas, recolhidas na rua, estão em centros próprios de alojamento (entre três e seis meses, em média), em rotatividade (por ano, ultrapassam o milhar). Nesta situação há as que descobrem novo rumo para a vida ou são ajudadas a encontrar meios de subsistência e a obter habitação sustentável. São aquelas a quem a vida pregou uma partida: ruturas familiares, desemprego,

dívidas acumuladas... Mas também há os que regressam à rua - ou porque não aceitam as regras dos centros de alojamento (horários, higiene, etc.), ou porque sofrem de perturbações mentais, ou porque estão dependentes de substâncias tóxicas (álcool, heroína e psicotrópicos, sobretudo), ou porque assim querem enfrentar o destino.

A presença de pessoas sem-abrigo nas ruas incomoda consciências: algumas exigem a sua remoção, para longe dos seus olhos e do seu nariz, evocando argumentos de saúde pública; outras pugnam por caritativas soluções caídas dos céus. Mas há aqueles que verdadeiramente encontraram na ajuda aos sem-abrigo uma vocação determinada. É o caso da equipa municipal NASA – Núcleo de Apoio aos Sem-Abrigo, que inclui psicólogos e assistentes sociais. À noite, percorrem as ruas de Lisboa sinalizando novos casos e orientando aqueles caídos em situações crónicas. Pelo caminho vão-se cruzando com os elementos de duas dezenas de associações parceiras do Município neste trabalho, que levam refeições, roupa e palavras de conforto a esta gente. Numa noite, a revista Lisboa acompanhou os técnicos do NASA. Sob o alpendre de um edifício degradado, o senhor L., epilético, rodeado de pacotes vazios de vinho e imundice, pouco acordo dá de si. É um jovem, mas velho conhecido. Recusa ir para um centro de acolhimento, mas consente agendar uma operação de limpeza pelos serviços camarários. Noutra local, junto a uma igreja, a senhora E., portadora de Síndrome de Diógenes e com outras perturbações mentais, zela ciosamente pelos haveres que acumula diariamente, meticulosamente arrumados em caixas de cartão, dentro das quais passa a maior parte do tempo. Também ela declina deixar o local, porque nutre a esperança de um dia a distante filha a vir buscar. É ela que mantém limpa a zona, incluindo o jardim fronteiro e os cacifos onde os sem-abrigo guardam os seus pertences mais valiosos (como uma fotografia da família). Estes cacifos, que permitem a estas pessoas ter uma morada postal, resultam de uma iniciativa da *Associação Conversa*

Amiga e que obteve financiamento através do Orçamento Participativo camarário.

No final da volta, os técnicos municipais conseguiram os seus objetivos: sinalizaram novos casos, mantiveram o acompanhamento das situações crónicas (recusa de deixar a rua), agendaram ações de limpeza consentida nos locais e convenceram outros a deslocar-se ao gabinete do NASA, no edifício municipal do Campo Grande, para acompanhamento mais detalhado: questões de documentação, acesso a rendimentos, orientações na procura de trabalho, candidaturas a habitação social, procura de ajuda médica ou medicamentosa, indicação de locais ou meios para comensalidade, e, inevitavelmente, tentar que deixem a rua para um centro de acolhimento temporário.

São vários os centros de alojamento para pessoas sem-abrigo em Lisboa, sejam espaços municipais (de gestão própria ou de financiamento municipal mas geridos por associações de solidariedade, como é o caso da AMI ou da Assistência de São Paulo), sejam de entidades parceiras, como a Santa Casa da Misericórdia e a Segurança Social, ou instituições como o Exército de Salvação. Alguns centros oferecem também acompanhamento diurno, outros são apenas para situações de emergência ou de atendimento. O NPISA – Núcleo de Planeamento e Intervenção Sem-Abrigo é a plataforma que envolve a ação conjunta de 22 entidades parceiras neste trabalho permanente. A estrutura tem como base dois grandes eixos: planeamento (coordenada pela CML) e intervenção (coordenada pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa).

Estes centros encontram-se dispersos pela cidade: Marvila, Beato, Graça, Quinta do Lavrado. Mas a cidade é grande e todas as ruas podem ser o cantinho de alguém sem teto. O que importa é não lhes virar as costas em circunstância alguma. E continuar a garantir que ninguém seja obrigado a pernoitar na rua por falta de oferta de abrigo e que todos tenham a possibilidade de reinserção social. Para que possam virar as costas à fria solidão. 🏠



A QUINTA DO LAVRADO

“Loja da Solidariedade” abre portas às pessoas sem-abrigo

Na Quinta do Lavrado (antiga Curraleira), perto das Olaias, nasceu uma unidade integrativa para apoiar pessoas sem-abrigo e outras em situação de risco – é a “Loja da Solidariedade”.

Este é um projeto da Associação de Assistência de São Paulo (AASP), que este ano comemora o seu centenário em prol dos mais desfavorecidos na cidade. Funcionando num edifício municipal, tem 16 camas disponíveis, oferecendo a possibilidade de receber casais e os seus amigos de quatro patas.

A unidade tem como principal objetivo prestar acolhimento temporário e encaminhamento aos que vivem na rua, com vista a um alojamento definitivo. Todo o processo de acompanhamento, que se inicia com a triagem dos casos no terreno, por equipas de rua, é desenvolvido por especialistas: psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros e médicos de especialidades diversas.

A “Loja da Solidariedade” está ao dispor de cada um dos seus utentes 24 horas por dia. Segundo Luís Espírito Santo, presidente da AASP, além de poderem ficar alojados durante a noite e de aqui poderem fazer a sua higiene e alimentação, os sem-abrigo podem contar com uma equipa de especialistas que os acompanha ao nível da saúde, apoio psicológico, social, jurídico e financeiro, complementado com formação curricular e comportamental. “Queremos que encontrem todas as condições para conseguirem transformar a sua condição e darem um

novo rumo à sua vida, organizando o processo de reinserção”, sintetiza.

Este equipamento, para além daquelas valências, oferece espaços de lazer (um pátio ajardinado, uma grande sala comum, equipada com mobiliário oferecido por uma empresa com responsabilidade social) e, até, uma sala para crianças e bebês. Esta sala, que ajuda a incentivar as visitas de familiares, vai ser também útil quando uma atual utente, em final de gravidez, aqui viver os primeiros tempos do seu bebê. Cozinha, sala de refeições, frigoríficos partilhados, lavandaria, entre outros espaços, ajudam os utentes a criar uma vivência comum, pois todos são corresponsáveis por cada uma e todas as coisas desta sua casa temporária. Os atuais utentes não escondem o rosto nas fotografias: o facto de aqui estarem significa um ponto de viragem nas suas vidas. É o orgulho de quem se reergue com dignidade. 🏠

Mais informações:

Loja da Solidariedade
Av. Marechal Francisco da Costa Gomes, 60
1900-457 Lisboa
www.asp.org.pt



Existe lugar para a **DIFERENÇA**

A Operação de Emprego Para Pessoas com Deficiência (OED) é um projeto que está no terreno há 25 anos. Ao longo dos anos tem assumido um papel fundamental na sensibilização da comunidade empresarial para trabalhadores com deficiência e respetivas famílias na cidade de Lisboa.

O OED teve início em 1990 mediante um protocolo estabelecido entre a Câmara Municipal de Lisboa, o Instituto de Emprego e Formação Profissional e a atual Fundação LIGA. Vinte e cinco anos depois, as três entidades firmaram, no passado mês de julho, um novo acordo de cooperação.

Desde a sua implementação, a OED realizou 82.470 contactos com entidades empregadoras. Fruto deste investimento de prospeção foram conseguidas 970 integrações profissionais, cuja sustentabilidade e sucesso foi apoiada em 9.307 ações de acompanhamento a empresas, trabalhadores e suas famílias.

Em 2014 conseguiu 66 colocações profissionais, maioritariamente do género masculino, entre os 25 e 44 anos de idade, com deficiência auditiva, seguida da deficiência músculo-esquelética e limitações das funções gerais, com habilitações ao nível do 3.º ciclo.

No que respeita às funções profissionais, as de armazém/repositor são as que concentram maior número de colocações, seguindo-se as funções de caixa e lojista, bem como de limpeza, empregado de andares e engomadoria, auxiliar de jardinagem, pai-deiro, cozinha/copa, designer, técnico de comunicação, gestor, programador, entre

muitas outras. Esta dispersão, por áreas tão distintas, reflete a procura individualizada, que é efetuada para cada cliente, em função do seu perfil de interesses e competências e da oferta apresentada pelo mercado. Um trabalho que procura, sem dúvida, um lugar para a diferença na cidade. 🇵🇹

Mais informações:

OED:

Rua Freitas Gazul, lote 34, loja 1
1350-149 Lisboa

Telefone: 213 932 520

E-mail: geral@oed.com.pt

www.oed.com.pt





As lojas sociais resultam de projetos sociais desenvolvidos por associações sem fins lucrativos, de caráter local, ou por Juntas de Freguesia. Para além de receberem doações de objetos e produtos que ainda possam vir a ser úteis a outras pessoas, também disponibilizam bens e serviços gratuitos, ou a preços sociais. Conheça em detalhe as 21 Lojas Sociais existentes em Lisboa em <http://www.cm-lisboa.pt/viver/intervencao-social/lojas-sociais>. Nesta Plataforma, encontrará informação pormenorizada de cada um dos espaços aqui apresentados.

BALNEÁRIO PÚBLICO

Morada: Eucaliptal de Benfca
Freguesia: Benfca
Tel.: 217 123 000
E-mail: geral@jf-benfca.pt
Bens: Roupa
Destinatários: Residentes da freguesia de Benfca

COMUNITÁRIA ALCC

Morada: Rua Varela Silva, Lt 3 (Zona 2) Lj B
Freguesia: Santa Clara
Tel.: 218 031 921 / 218 021 355
E-mail: secretariado.alcc@gmail.com
Site: www.lusoculturais.org
Destinatários: População assinalada pelo serviço social



DÊ P'RA TROCA

Morada: Rua José Calheiros, 13
Freguesia: Belém
Tel.: 210 132 330
E-mail: helena.lencastre@jf-belem.pt
Bens: Livros escolares
Destinatários: População escolar

É DADO

Morada: Rua Campos Júnior, 11 A
Freguesia: Campolide
Tel.: 213 573 386
E-mail: coordenacao@caritas.pt
Bens: Roupa
Destinatários: População assinalada pelo serviço social da Junta de Freguesia ou qualquer entidade de referência da Rede Social

É DADO II

Morada: Rua Varela Silva, Lt 11- Lj B | Lt 12- Lj A
Freguesia: Santa Clara
Tlm.: 918 945 333 | 916 785 041
E-mail: artyaplousos@sapo.pt
Bens: Roupa
Destinatários: Famílias residentes na freguesia de Santa Clara

ENTRE NÓS

Morada: Rua Maria Alice, 34
Freguesia: Lumiar
Tlm.: 966 310 474
E-mail: lojaentrenos@gmail.com
Site: <http://www.lojaentrenos.wordpress.com/>
Bens: Vestuário e Calçado de mulher, homem, criança e bebé (Troca) | Acessórios de moda (Monetária) | Artigos para o lar - Roupas (Troca) | Brinquedos para bebé e criança (Troca) | Livros infantis, juvenis e adultos (Troca)
Destinatários: População em geral

LOJA COMUNITÁRIA

Morada: Rua Rainha D. Catarina (antigo Clube Social)
Freguesia: Benfca
Tel.: 218 226 340 | 915 722 389
E-mail: geral.armabb@gmail.com
Site: www.armabb.blogspot.com
Bens: Vestuário e Calçado de mulher, homem, criança e bebé (Doação) | Brinquedos de bebé e criança (Doação) | Produtos alimentares - Mercearia (Doação)
Serviços: Lavandaria e engomadoria (Monetária) | Dentista (Monetária)
Destinatários: Residentes da freguesia de Benfca e do Bairro da Boavista

LOJAS HUMANA

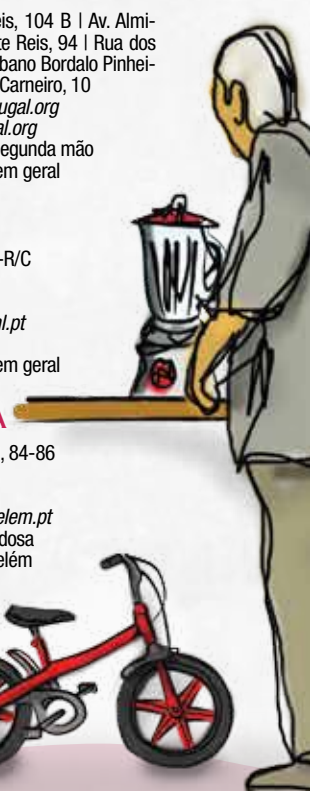
Moradas: Av. Almirante Reis, 104 B | Av. Almirante Reis, 26 | Av. Almirante Reis, 94 | Rua dos Fanqueiros, 225 | Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 7 E | Praça Francisco Sá Carneiro, 10
E-mail: info@humana-portugal.org
Site: www.humana-portugal.org
Bens: Venda de roupa em segunda mão
Destinatários: População em geral

LOJINHA

Morada: Rua da Rosa, 277-R/C
Freguesia: Misericórdia
Tel.: 213 240 520
E-mail: caf.bairroalto@scml.pt
Bens: Roupa
Destinatários: População em geral

NÃO CUSTA NADA

Morada: Rua de Pedrouços, 84-86
Freguesia: Belém
Tel.: 210 132 330
E-mail: joana.richard@jf-belem.pt
Destinatários: População idosa residente na freguesia de Belém



REMAR

Morada: Avenida Gomes Pereira, 37
Freguesia: Benfica
Tel.: 217 155 593
E-mail: remarlisboa@armail.pt
Destinatários: População residente na freguesia de Benfica

LOJA SOCIAL

Morada: Rua Nova da Piedade, Mercado de São Bento
Freguesia: Misericórdia
Tel.: 213 929 800
E-mail: geral@jf-misericordia.pt
 Os bens doados são vendidos a preços simbólicos, sendo os fundos angariados usados para adquirir bens de primeira necessidade
Destinatários: População em geral

TOMA LÁ DÁ CÁ

Morada: Rua Keil do Amaral, Lj 31 (Bairro dos Lóios)
Freguesia: Marvila
Tel.: 218 365 000
E-mail: cdc.loios@scml.pt
Bens: Vestuário de mulher, homem, criança e bebé (Troca) | Calçado de mulher, homem e criança (Troca) | Brinquedos de criança (Troca) | Livros Escolares (Troca)
Destinatários: População em geral

PROJETO TROCA AMIGA

Morada: Rua José Inácio de Andrade, Lt 6 - Lj 6 A (Bairro da Quinta do Lavrado)
Freguesia: Penha de França
Tel.: 218 075 910
E-mail: loja.social@jf-penhafranca.pt
Site: www.jf-penhafranca.pt
Bens: Vestuário e calçado de mulher, homem, criança e bebé (Tempo) | Produtos de Higiene para bebé e criança (Tempo) | Artigos para o lar - Roupas, Utensílios de Cozinha Eletrodomésticos, Móveis, Decoração (Tempo) | Produtos de apoio - Ajudas técnicas, Puericultura, Escolar (Tempo) | Brinquedos de bebé e criança (Tempo) | Livros Escolares, Infantis e Juvenis (Tempo)
Serviços: Balneários (Tempo)
Destinatários: População carenciada residente na freguesia de Penha de França e identificada pela Rede Social

LOJA SOCIAL A LOJINHA DO COSTUME

Morada: Rua da Beneficência, 7
Freguesia: Avenidas Novas
Tel.: 217 994 530
E-mail: gadaf@mdvida.pt
Bens: Vestuário e Calçado de mulher, homem, criança e bebé (Monetária) | Acessórios de moda (Monetária) | Utensílios de Cozinha (Monetária) | Brinquedos de bebé e criança (Monetária) | Livros infantis e juvenis (Monetária)
Destinatários: População geral

LOJA SOCIAL ANJOS COM ESTÓRIAS

Morada: Mercado de Arroios | Rua Ângela Pinto, Lj 2
Freguesia: Arroios
Tim.: 960 022 221
E-mail: geral.ideiasdonada@gmail.com
Bens: Vestuário de homem e mulher (Troca) | Calçado de mulher (Monetária) | Livros de adultos (Troca)
Serviços: Psicologia (Doação)
Destinatários: População em geral

LOJA SOCIAL DE CAMPO DE OURIQUE

Morada: Rua Almeida e Sousa, 6
Freguesia: Campo de Ourique
Tel.: 213 904 748
E-mail: geral@jf-campodeourique.pt
Bens: Vestuário e Calçado de homem, mulher, criança e bebé (Doação) | Roupas para o lar (Doação)
Destinatários: Entidades que acolhem e dão apoio a pessoas necessitadas

LOJA SOCIAL OS FIDALGOS DA PENHA

Morada: Rua Conde de Monsaraz, 17
Freguesia: Penha de França
Tim.: 968 457 867 | 96 845 78 67
E-mail: ascrpmilhafranca@gmail.com
Site: www.fidalgodsapenha.wordpress.com
Bens: Vestuário de criança, bebé e homem (Doação) | Vestuário de mulher (Troca) | Acessórios de moda (Doação) | Calçado de mulher e homem (Troca) | Calçado de criança (Doação) | Artigos para o lar - Móveis e Roupas (Doação), Brinquedos para criança e bebé (Doação) | Livros Escolares infantis, juvenis e adultos (Doação)
Serviços: Engomadoria (Monetária) | Estética e Massagens (Monetária)
Destinatários: População em geral

LOJA SOCIAL TROKAKI

Morada: Rua Vítor Santos, 15 - Lj A
Freguesia: Carnide
Tel.: 217 159 956 | 916 809 321
E-mail: trokaki.loja@gmail.com
Site: <http://horasdesonho.wordpress.com>
Bens: Vestuário e Calçado de homem, mulher, criança e bebé (Troca) | Artigos para o lar - Decoração (Troca) | Livros Escolares (Troca)
Serviços: Estética e Massagens (Troca) | Jurídico (Troca)
Destinatários: População em geral

LOJA SOCIAL DE CAMPOLIDE

Morada: Rua de Campolide, 24 B
Tel.: 213 884 607 | 913 882 896
E-mail: geral@jf-campolide.pt
Bens: Vestuário e calçado de bebé, criança, mulher e homem (Monetária) | Produtos de Higiene para bebé e criança (Monetária) | Produtos de Higiene para homem e mulher (Tempo) | Artigos para o Lar-Roupas (Tempo) | Artigos para o Lar - Eletrodomésticos (Doação) | Puericultura (Doação) | Brinquedos para crianças e bebés (Monetária)
Destinatários: Residentes da Freguesia de Campolide

LOJA SOLIDÁRIA PARQUE DAS NAÇÕES

Morada: Rua Padre Joaquim Alves Correia, Lt 23, C/v A, B e C
Tel.: 210 311 700
E-mail: atendimento@jf-parquedasnacoes.pt
Site: www.jf-parquedasnacoes.pt
Destinatários: Residentes em situação de comprovada insuficiência económica



Como aceder às Lojas Sociais?

A Joana é uma munícipe de Lisboa que precisa de um carrinho de bebé. Para recorrer à Plataforma de Lojas Sociais de Lisboa ela deverá aceder a <http://www.cm-lisboa.pt/viver/intervencao-social/lojas-sociais>, clicar na imagem da plataforma e fazer a pesquisa de lojas por freguesia ou por bem/serviço. Depois, basta contactar a loja para saber se a mesma dispõe do artigo e combinar o encontro. Caso a Joana não tenha acesso a internet pode sempre ligar para o Departamento para os Direitos Sociais da CML, através dos n.ºs de telefone: 217 988 898 / 88 179, que será ajudada na melhor forma de resolver a questão.





Prostituta, Mulher, Cidadã

Irmãs Oblatas
integram mulheres
na sociedade

Estigmatizada pela sociedade, a mulher que se prostitui tem quem lhe reconheça a dignidade humana e a ajude. É o caso da Obra Social das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor, uma congregação católica fundada em 1864 e presente em Lisboa desde 1987 com o seu Centro de Orientação e Acolhimento da Mulher das Irmãs Oblatas (CAO-MIO), na Rua Antero de Quental, junto à Rua da Palma. A sua missão é apoiar as mulheres, em contexto de prostituição e tráfico de seres humanos com fins de exploração sexual.

[texto de Luís Miguel Carneiro | fotografia de Nuno Correia]

A revista Lisboa foi ouvir Pura González, Irmã Oblata espanhola, de 65 anos, natural de Valladolid, e pedagoga que já passou por Angola; e a lisboeta Helena Fidalgo, de 35 anos, uma leiga licenciada em Serviço Social e que tem a direção técnica dos projetos da Obra Social. A doçura da gesta solidária destas duas mulheres – que, com outras muitas, apoiam prostitutas da cidade a ter uma vida melhor – anda a par com o seu entusiasmo e determinação em outorgar justiça social a quem se enredou naquele triste fado.

RL – Quando e porquê se estabeleceram as Oblatas em Lisboa?

H (Helena Fidalgo) – Em 1987, o cardeal patriarca D. António Ribeiro chamou as Irmãs Oblatas por estar preocupado com a situação das prostitutas do Cais do Sodré / Bairro Alto.

Quando chegaram, constatou-se que a zona mais problemática, onde as mulheres que se

prostituíam estavam mais vulneráveis, era o Intendente. Depois, conseguiu-se este espaço para o Centro de Orientação e Acolhimento da Mulher das Irmãs Oblatas e criar este projeto social.

P (Irmã Pura González) – No início vieram três irmãs. A nossa missão exclusiva é a de acolher e valorizar a mulher que exerce a prostituição, ou que já a exerceu, por questões de vulnerabilidade económica exclusão ou marginalização – por doença, por se tratar de mães solteiras ou por todo o tipo de dependências.

Atualmente estamos também muito preocupadas com as situações de tráfico de seres humanos para exploração sexual.

RL – Que tipo de resposta encontram para estas situações?

P – As respostas são adaptadas ao contexto do país e da situação das mulheres.

H – Estas mulheres vão para a rua porque é a única

solução que encontram para a subsistência. Geralmente têm baixa escolaridade e não têm experiências de trabalho para apresentar num currículo.

RL – Estas mulheres são de Lisboa ou vieram de fora?

H – Antigamente havia aquelas que vinham da província, à procura de novas oportunidades e acabavam na prostituição quando a vida se desestruturava. Hoje, a maior parte são da área da Grande Lisboa. Em 2014 foram contactadas na rua 320 mulheres, de diversas origens.

P – O perfil mudou muito nos últimos anos. A par das mulheres locais também existem as que chegam do estrangeiro, através de redes de imigração clandestina e tráfico de seres humanos para exploração sexual. São sobretudo nigerianas e romenas, mas também brasileiras - embora estas últimas quando chegam consigam ganhar autonomia, pela facilidade da língua.

RL – Permanece a relação entre toxicod dependência e prostituição, que se verificou nos últimos vinte anos? E mulheres que são coagidas à prostituição através da violência?

H – Ainda existe alguma relação, há toxicod dependentes que se vão prostituir para arranjar dinheiro para os consumos.

Quanto à coação, mantém-se a figura do proxeneta – muitas vezes o companheiro da mulher e pai dos seus filhos, que exerce por vezes violência doméstica coagindo a mulher a prostituir-se pois é ele próprio incapaz de prover o sustento da família, mas que é, ao mesmo tempo, a figura masculina “protetora” no agregado doméstico e nas situações de rua.

P – São eles que andam na rua a controlar o trabalho das mulheres. Fazem parte desta paisagem.

RL – Muitas destas mulheres têm filhos?

P – Sim, a maior parte. Aliás, a existência dos filhos e a necessidade de ganhar dinheiro para os sustentar é uma das causas de se prostituírem. Muitas têm os filhos em equipamentos sociais. Aqui também as informamos sobre essas possibilidades.

H – É preciso que tenham autonomia e ganhem asas para voar, como qualquer cidadão. Que saibam quais as creches, jardins-de-infância e escolas onde possam ter os filhos, para que seja garantida a educação às crianças.

RL – O trabalho aqui no Centro (CAOMIO) é realizado por irmãs professoras e por leigas?

P – Sim. As Irmãs Oblatas são as que professam na congregação. O trabalho é realizado com as nossas colaboradoras leigas e outros voluntários. A nossa família está aberta a todos.

H – Na família Oblata estão também incluídas algumas mulheres que já estiveram na prostituição, tiveram a nossa ajuda para deixar essa vida, fizeram formação e agora nos ajudam.

RL – As vossas equipas de rua que acompanham as situações de prostituição são compostas por quem?

H – São equipas mistas: há sempre um técnico da instituição, como a Irmã Pura, acompanhado por voluntários. São equipas de três pessoas.

P – Para alcançarmos os nossos objetivos, o primeiro passo é oferecer a nossa presença discreta, falar com elas para que saibam que têm um espaço onde podem ter apoio. Aproximação, contacto, são os primeiros passos. Depois, vamos criando vínculos afetivos com elas, perguntando como passam, o que necessitam, oferecemos preservativos, um chocolate, uma bebida quente. Para que nos conheçam e saibam que se precisarem de orientação e outros apoios podem vir ter connosco ao Centro, falar com a assistente social. As primeiras orientações têm geralmente que ver com a situação dos filhos, a relação com o parceiro ou a forma de lidar com a polícia.

RL – Com que apoios financeiros conta o Centro?

H – São apoios da Câmara, através de programas como o BIP/ZIP (Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária) e outros, da Segurança Social, com quem temos um acordo, e da Congregação das Irmãs Oblatas de Espanha.

Temos tentado apoios das fundações ligadas às grandes empresas, mas esta não é uma área atra-



tiva, pois as marcas não querem ter o seu prestígio associado a este mundo. O financiamento é uma luta diária, mas as instituições não veem neste trabalho o que ele verdadeiramente é: o investimento no ser humano, para uma vida mais digna.

RL – Como é que as mulheres que conseguem deixar a prostituição são ajudadas? Encontram junto de vocês um sítio para viver, mesmo que temporariamente?

P – Hoje já não existe o regime de internato, como no tempo dos asilos. Em alguns dos nossos centros noutros países existem lares para mães solteiras e mulheres que querem deixar a rua. Sem nunca se cobrar nada.

RL – Mas uma prostituta que quiser sair da rua pode contar com o apoio deste centro para habitação temporária?

H – Este centro não tem essa resposta. As mulheres contactadas pelas equipas de rua que aqui nos procuram verbalizam o que pretendem e são encaminhadas para o serviço necessário: apoio social, jurídico, psicológico, para encontrar emprego e habitação pelas vias próprias.

RL – Quais são as principais necessidades desta população?

H – Muitas vezes o que a mulher verbaliza esconde outras necessidades e é a falar que

conseguimos perceber o que pode ser feito. Procuramos orientá-las nos seus problemas, encaminhando para as entidades competentes na cidade, como as instituições hospitalares e a Segurança Social, ou pedindo o apoio dos nossos parceiros, como a Câmara Municipal ou a Santa Casa da Misericórdia.

RL – E isso chega para retirar as prostitutas da rua?

H – Nós nunca tentamos obrigar a mulher a deixar a rua, isso terá que ser decisão sua.

P – Não é condição para ter o nosso apoio. Respeitamos a sua vontade sem negar nada no que podemos ajudar.

H – Muitas vezes são vítimas das circunstâncias e não se apercebem das possibilidades reais que existem para poderem deixar a rua. É mostrando essas possibilidades que se pode alcançar o objetivo que é dar o salto da rua.

RL – Quando se consegue esse objetivo de deixar a rua, o que tem o centro para lhes oferecer?

H – Em primeiro lugar, temos a formação, para as motivar e capacitar para uma forma de vida alternativa.

P – Tentamos sempre que elas venham aqui ao centro, numa data especial, para uma festa, para que vejam as possibilidades existentes numa mudança de vida.

RL – E que tipo de formação é aqui ministrada?

H – Já tivemos cursos de geriatria e de apoio à família, com vista ao emprego nessas áreas, e também técnicas de costura e de tapete de Arraiolos. Hoje damos formação generalista, global, ferramentas de capacitação: como encontrar emprego, apresentar-se numa entrevista de emprego, fazer um currículo, ter um endereço de e-mail, trabalhar com um computador, etc.

P – Damos informação sobre os recursos da comunidade que têm ao seu dispor, para que possam fazer as escolhas mais acertadas. Em função das ofertas de emprego, procuramos orientá-las para cursos técnico-profissionais.

RL – Essa formação técnico-profissional é feita aqui?

H – A parte geral sim, a parte prática procuramos que seja nos locais: se for de geriatria é feita em lares de terceira idade.

P – Agora vamos ter dois projetos de formação um pouco mais específica – isso para além da formação em trabalho doméstico, da alfabetização e das aulas de português para estrangeiras, dadas por professoras voluntárias.

H – Um é o “Reativar Capacidades” e outro o “Movimento Inclusivo”, financiado pelo programa municipal BIP/ZIP – Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária, para levar ao conhecimento e partilha dos recursos da comunidade.

RL – Qual o sucesso na entrada no mercado trabalho?

H – É difícil, mesmo para as mulheres que alcançam bons resultados na formação. Se é complicado para quem tem habilitações encontrar emprego, para elas é ainda mais complicado.

As empresas, quando conhecem a sua história de vida, retraem-se. É fácil apontar o dedo, acusá-las de “vida fácil”, de não quererem trabalhar, mas depois, para lhes dar emprego, ninguém aparece. Alguns pequenos empresários aceitam empregá-las. Mas as grandes empresas negam-se, pois não se querem ver associadas a estas mulheres. Mesmo quem deixou a prostituição chega a ser despedida pelo seu passado.

P – Conseguem-se alguns empregos em lares para idosos, em limpezas, na arrumação, e vão funcionando as parcerias com as juntas de freguesia e instituições de solidariedade social, que oferecem a devida formação.

O que é importante é que os casos do sucesso começam na vontade da mulher mudar de vida. São processos que demoram anos. Uma delas colabora agora com as nossas equipas de rua.

RL – O que pensam sobre a distribuição de preservativos às prostitutas?

H – A nossa posição sobre isso é muito clara e transparente: é um problema de saúde pública. Todos os que estão envolvidos neste processo devem ser protegidos: prostitutas, clientes e familiares.

RL – Qual a vossa posição face à possibilidade de legalização da prostituição?

H – É uma discussão interna que ainda prossegue, desde há anos. A Congregação está em 15 países, com realidades diferentes, onde as legislações também são diferentes.

P – Há quem tenha opiniões diferentes sobre o assunto.

H – Há prós e contras. Estamos nos grupos de discussão das “redes das trabalhadoras sexuais”. Mas em Lisboa o tema não suscita grandes preocupações entre as prostitutas, essa não é a sua bandeira, que são as necessidades do dia-a-dia.

P – A nossa posição terá sempre que ser aquela que tenha a mulher como centro das preocupações, defendendo a sua humanização, os seus direitos e deveres de cidadã. Há muito que deve mudar na sociedade, para estas mulheres poderem obter justiça social.

H – Qualquer que seja a opção destas mulheres, nós estaremos sempre com elas. 🙏

A vocação das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor

Esta congregação católica, presente em 15 países, foi fundada em Madrid, em 1864, pelo bispo resignatário José Maria Benito Serra (catalão) e por Antonia María de Oviedo y Schonthal (suíça).

Após demitir-se do bispado, José Maria Serra regressou a Espanha, em 1862. No exercício da sua atividade pastoral confessava as mulheres recolhidas no hospital de S. João de Deus, em Madrid, que atendia pessoas com doenças venéreas, muitas delas prostitutas. Procurava acompanhar os seus dramas mas concluiu que não bastava o apoio espiritual, era necessária uma resposta social. Convidou então Antonia María de Oviedo, preceptora das infantas de Espanha, uma mulher muito culta e avançada para a altura, para criar, em 1864, o Asilo de Nossa Senhora do Conselho, para acolher as mulheres. Em 1870, é formalizada a criação da congregação religiosa Oblatas do Santíssimo Redentor. Antonia María de Oviedo deixou o palácio real e vestiu o hábito da Congregação. O seu trabalho com as prostitutas obedecia ao mote: “se todas as portas se lhes fecham, eu lhes abrirei uma”. Acolher mulheres sem qualquer discriminação continua a ser a vocação desta congregação.



Uma Casa para o Mundo

“Grande é a poesia
a bondade e as danças...
mas o melhor do mundo
são as crianças”

Fernando Pessoa

Num momento em que o mundo enfrenta uma das piores crises de refugiados de sempre, em Lisboa há um porto de abrigo temporário que acolhe crianças e jovens até aos 18 anos. Partilhámos as vidas anónimas dos meninos da casa onde cabem tantos mundos “São histórias de quem perdeu os seus referenciais e a sua dignidade mas acima de tudo são as histórias de quem manteve a coragem e a esperança”, confia-nos Dina Estoura, coordenadora do Centro de Acolhimento para Crianças Refugiados (C.A.C.R.) e uma das “mães de coração” de todos estes meninos.

A construção do C.A.C.R. foi financiada pela Câmara Municipal de Lisboa, pela *Swatch Tempus Internacional* e pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Abriu pela primeira vez as portas a 13 de outubro de 2012. Na casa residem atualmente, por um

período de seis meses, dezassete rapazes e uma rapariga, vindos maioritariamente de países africanos, mas também da Ásia. “São jovens que têm muitas mágoas, muita dor, muita experiência em dizer adeus; mas acima de tudo uma enorme vontade de recomeçar, de sentirem o que é a liberdade e de se sentirem em segurança”.

Na casa aprendem a língua e a cultura portuguesa, alfabetizam-se (quando é o caso) e são integrados na escola, de forma a adquirirem competências que lhes vão permitir integrar o mercado de trabalho. O centro procura sobretudo encontrar as respostas mais adequadas à identidade de cada um. “Há meninos que saíram daqui e foram campeões nacionais de boxe”, recorda Dina Estoura, com indisfarçável orgulho.

E depois do C.A.C.R.? Terminado o período de seis meses, os jovens são, na maioria dos casos, encaminhados para lares de acolhimento. Uma das alternativas previstas (a “ideal”) é a possibilidade de apadrinhamento civil. As famílias interessadas inscrevem-se nos centros distritais da Segurança Social e, caso a avaliação seja positiva, podem acolher uma criança porque “todas elas têm condições para ser apadrinhadas”. “Aquilo que mais me marca é a força de cada um em recomeçar. Eles até agora sobreviveram, agora vamos centrar-nos no viver. Há uma diferença muito grande e daí precisarmos de todas as pessoas para os bem acolher”, conclui Dina Estoura. 🏠

A Avó veio trabalhar

“A Avó veio trabalhar” é um projeto municipal BIP/ZIP (Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária), de aprendizagem e partilha, que através dos lavores tradicionais e do design aumenta o poder de intervenção dos seniores na sociedade.

Sediado no eixo de São Paulo o projeto insere-se numa premissa de reinserção socioprofissional dos idosos e tem como objetivo estimular o impulso empreendedor e criativo dos mais velhos a partir do design, como uma das ferramentas de inovação social, promovendo o codesign e a coprodução de produtos e serviços.



A mais recente coleção de objetos, composta por 90 almofadas únicas e irrepetíveis, pode ser encontrada na recém-inaugurada loja do projeto, na Rua do Poço dos Negros, 124.

“A Avó veio trabalhar” é uma iniciativa da Fermenta-Associação, em parceria com a Casa Pia de Lisboa, a Associação Para o Planeamento da Família e a Oficina do Cego-Artes Gráficas, apoiada pela autarquia.

Mais informações: avo.fermenta.org

BIP ZIP 2015 contempla 36 novos projetos

No âmbito do Programa BIP/ZIP- Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária 2015, foram apresentadas 109 candidaturas, tendo sido destinado apoio financeiro, cerca de 1 milhão e seiscentos mil euros, a 36 projetos aprovados, que obtiveram a melhor classificação.

A assinatura do protocolo com as entidades promotoras dos 36 projetos, decorreu no dia 16 de outubro no Salão Nobre dos Paços do Concelho.



O Programa BIP/ZIP - Parcerias Locais tem sido um dos motores de desenvolvimento local. Disso são provas os inúmeros projetos que já apoiou em Lisboa, nos bairros de intervenção prioritária (BIP) ou zonas de intervenção prioritária (ZIP). Daí os resultados em matéria de criação de emprego, formação, inclusão e prevenção de grupos mais frágeis, intervenção juntos dos mais jovens, da terceira idade, reabilitação e empreendedorismo. O Programa pretende cada vez mais ter uma implantação de base comunitária, envolvendo as populações, auscultando as suas necessidades.

Mais informações:
<http://bipzip.cm-lisboa.pt/>

Quiosque da Saúde

E se a saúde fosse tão fácil como ir ao quiosque? Como resposta a esta questão surgiu, nas Olaias, o “Quiosque da Saúde” a pensar na falta de acesso aos cuidados de saúde que milhares de idosos enfrentam na cidade de Lisboa, com consequente sofrimento e isolamento.

Inovar na ideia e simples na forma, o objetivo do espaço é que a saúde seja tão simples como ir comprar uma revista a um quiosque. Fazer com que as pessoas possam sair de casa para ter uma consulta de saúde. O quiosque funciona como um pequeno consultório médico e de enfermagem e está aberto três a quatro vezes por semana.



Este é mais um projeto inovador do programa municipal BIP/ZIP (Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária) e do “Saúde à Porta” da Associação Conversa Amiga, com o Centro Social Paroquial de S. João Evangelista.

Das 3000 consultas previstas já foram realizadas mais de 800. O sucesso e a sustentabilidade do projeto passam agora pela sua multiplicação.

Mais informações:
<http://conversa.pt/portfolio/quiosque-da-saude/> e www.conversa.pt



NISAC

A outra face dos Sapadores

No Regimento de Sapadores Bombeiros há um grupo de homens que diariamente combate outro tipo de fogos. São os fogos do abandono e da solidão. Fazem parte do Núcleo de Intervenção Social e Apoio ao Cidadão (NISAC) que presta socorro em situações de emergência social.

[texto de Isabel Forte | fotografia de Manuel Levita]

Quando a equipa do NISAC entrou naquela casa encontrou D. Beatriz, 92 anos, cega, corpo frágil, votada ao abandono. “A senhora estava isolada, fisicamente debilitada, a casa com falta de manutenção, tachos muito queimados, o que indiciava risco de incêndio”, conta o subchefe Pedro Silva, que integra a equipa de 12 homens do NISAC.

Acionada a Linha 144, da emergência social, e enquanto se aguardava por assistência adequada, foi preparada uma pequena refeição para a idosa: “A senhora só tinha em casa um pacote de leite e um pão. Estava cheia de fome, sem condições para cozinhar”.

Casos como o da D. Beatriz, entretanto institucionalizada, chegam todos os dias ao RSB, seja através dos próprios bombeiros ou de alertas para o nº 808 215 215, a linha gratuita do Regimento. Até julho deste ano o NISAC já respondeu a 1184 ocorrências, 157 das quais se traduziram em visitas de apoio social.



“Uma das situações mais problemáticas que encontramos foi a de um senhor, com 58 anos. Vivia sozinho, estava desempregado, tinha leucemia, foi-lhe cortado o subsídio de desemprego e o senhor subsistia, há alguns dias, da caridade dos vizinhos”. Uma situação “impressionante”, diz Pedro Silva, que ninguém sinalizava: “É um dever de cidadania alertar as entidades competentes para estas situações de vulnerabilidade. Se deixou de ver na rua ou no café um vizinho, idoso ou não, mas que esteja numa situação de vulnerabilidade, contacte o Regimento de Sapadores de Bombeiros”, solicita.

O NISAC foi criado pelo RSB, em 2009, com o objetivo de responder a casos de idosos ou de cidadãos fisicamente debilitados ou incapacitados, encontrados a viver, em Lisboa, em situações de emergência social: ou isolados, ou com fome, ou sem qualquer rede de apoio. “Muitas vezes os primeiros alertas que nos chegam são dos próprios bombeiros quando são chamados para uma emergência, como a abertura de uma porta, porque há um idoso que se encontra caído

no interior da casa”, explica, por sua vez, o subchefe Paulo Almeida. “Esses casos, que precisam de ajuda urgente, são reencaminhados para o NISAC, que funciona com quatro turnos, 24 horas por dia”.

A equipa presta o socorro social imediato, analisa se o cidadão precisa de apoio domiciliário, sinaliza a situação e, se o caso não resultar em institucionalização, procede ao acompanhamento regular, de forma a garantir que se encontra tudo bem. “O NISAC funciona como socorro preventivo. A pessoa é sinalizada e direcionada para as instituições que prestam apoio ao cidadão, designadamente a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa”, diz Paulo Almeida.

Há casos, no entanto, em que o NISAC precisa de dar uma resposta imediata. São os casos de fome, minorados com a entrega de kits de emergência social, com alimentos prontos a comer. Os kits são fornecidos ao abrigo de um protocolo com a Cruz Vermelha Portuguesa. Em 2013 o NISAC entregou 49 kits e em 2014 foram distribuídos 38. ♿

S.Ó.S.

Uma linha telefónica contra a solidão



Fixe este número: **800 204 204**. É uma linha telefónica gratuita que pretende dar resposta urgente a situações de risco e de isolamento em que vivem muitos idosos na cidade de Lisboa.

[texto de Isabel Forte | fotografia de Manuel Levita]

Cerca de 85 mil idosos residem sozinhos no concelho de Lisboa. Um número preocupante que levou o Município a criar a Linha S.Ó.S, uma linha telefónica gratuita que pode ser usada por qualquer munícipe para assinalar uma situação de risco, de solidão, de vulnerabilidade ou de emergência social que afete um idoso.

“Esta linha foi criada a pensar nos idosos que residem sozinhos. Quando se liga para o 800 204 204 a chamada é recebida pelo Serviço Municipal de Proteção Civil (SMPC) na Sala de Operações Conjunta (SALOC), onde se encontram elementos da Proteção

Civil, dos Sapadores Bombeiros, da Polícia Municipal e da Polícia Florestal”, explica Salomé Estrela Martins, do Gabinete de Reabilitação do SMPC. “O operador que atende - e esta linha está disponível 24 horas por dia, 365 dias por ano - tenta perceber a urgência da situação. Feita a triagem, transfere a chamada para o técnico operacional de emergência à cidade, que escuta, informa, aconselha e presta os primeiros apoios. De imediato, cada caso é transferido para a área psicossocial do SMPC, que avalia, acompanha e assegura os apoios e respostas, em articulação com os parceiros sociais”.



sistência o operador que o capta tem que verificar se é um alerta real ou não. Se do outro lado ninguém fala, aciona-se de imediato o RSB e o INEM”. 📞

A linha em números

A SALOC recebeu em 2014, através da Linha S.Ó.S., 110 chamadas, sobretudo nos meses de setembro, dezembro e agosto e a partir das 16 horas. Grande parte dos utilizadores foram mulheres, com idades à volta dos 78 anos e a maioria das chamadas proveio de Benfica, Campo de Ourique e São Vicente.

As principais vulnerabilidades referidas prenderam-se com problemáticas associadas à saúde, isolamento, solidão e carência económica. Após avaliação técnica aos pedidos efetuados o SMPC deu resposta, em articulação com os vários parceiros da rede, sobretudo a situações relacionadas com saúde, apoio domiciliário, apoio social e económico, serviço de teleassistência, maus-tratos e negligência.

Ao todo, até finais de 2014, foram ainda instalados 292 equipamentos telefónicos de teleassistência, particularmente nas freguesias de São Vicente, Alcântara e Benfica.

Como complemento à Linha S.Ó.S., foi também criado o Serviço de Teleassistência (ver artigo na pág. 24) que implica a colocação de um aparelho telefónico na casa do idoso e a existência de um pêndulo que o beneficiário usa ao pescoço. Em caso de queda, e sozinho, o idoso carrega no pêndulo e o alerta é recebido na SALOC.

Os aparelhos, distribuídos de forma gratuita, são montados pelo Núcleo de Intervenção Social e Apoio ao Cidadão do Regimento de Sapadores Bombeiros, que habitualmente procede à sua manutenção. O telefone é um aparelho normal, com letras de dimensão superior, que possui um botão vermelho onde se lê S.Ó.S. Quando pressionado despoleta um alarme que cai na SALOC.

Muitas vezes, refere Salomé Martins, os alertas recebidos da teleassistência nem sempre são verdadeiros: “Há muitas situações em que o idoso, nas suas atividades diárias, aciona indevidamente o alarme. Por isso, quando nos chega um aviso via teleas-

EU SABIA QUE UM DIA
ME IA ESQUECER DE TUDO,
NÃO SABIA É QUE TODOS
SE IAM ESQUECER DE MIM.

Lisboa tem cerca de 65.000 idosos que vivem sozinhos e precisam de ajuda e apoio. Para prevenir situações de risco, a S.O.S. é uma operação que conta com a comunidade para manter os nossos idosos acompanhados e para acionar os serviços de proteção civil quando necessário. Para conhecer, basta que dê um chamado. Basta a gente, os seus vizinhos, nestas condições para saber se está tudo bem, e ter o tempo necessário para ir ajudar quem precisa.

NÃO DEIXE OS NOSSOS IDOSOS

S.O.S. LISBOA
800 204 204
UM ALERTA, UMA VIDA

Lisboa
Lisboa



Novas Escolas na Cidade

São mais cinco as Escolas de Lisboa. São o resultado do investimento que o município tem vindo a fazer desde 2008 na melhoria do parque escolar da cidade no âmbito do programa Escola Nova, num montante superior a 100 milhões de euros. Cerca de mil crianças vão já beneficiar das novas escolas este ano letivo, mas as escolas ficaram preparadas para acolher muitas mais. Bom regresso às aulas.

[texto de Rui Martins | fotografia de Nuno Correia]

O programa Escola Nova tem por objetivo melhorar o parque escolar da cidade, promovendo melhorias de habitabilidade e condições de ensino. Ao longo dos últimos anos, nove escolas foram criadas de raiz e 15 receberam beneficiações gerais que resultaram em intervenções estruturais profundas em edifícios já existentes. A abrir este ano letivo aí estão mais cinco escolas novas que vão servir uma população de mais de mil crianças.

Escola Básica Convento do Desagravo

A Escola Básica do Convento do Desagravo veio responder à necessidade premente de solucionar a oferta escolar na zona da Baixa e de São Vicente. Para este novo equipamento escolar confluíram cinco escolas da envolvente, algumas das quais a funcionar em andares de prédios. Foram elas a Escola Básica Lisboa n.º 4, a Escola Básica Lisboa n.º 212, a Escola Básica Lisboa n.º 75, a Escola Básica Marqueses de Távora e Escola Básica da Sé. Vão ser mais de 400 as crianças a fruir das condições do Desagravo. “É a primeira vez em muitos anos que vamos poder funcionar num espaço concebido para

escola, logo aí há uma diferença substancial”, diz Carla Carvalho professora coordenadora do Convento do Desagravo. As equipas das várias escolas transitam para esta o que, segundo Carla Carvalho, é uma vantagem por já se conhecerem e articularem bem os seus métodos de trabalho. Para já, estão todos a fazer a adaptação à nova escola, “viemos todos de escolas muito pequenas, temos que nos habituar a estas novas dimensões”. Outro dos motivos de orgulho da nova escola é o projeto de alimentação saudável realizado em parceria com a Câmara. “Temos também outros projetos como a Turma Mais, que é um reforço no português e que este ano co-

meça no 2º ano”. O Desagravo oferece vários espaços como um anfiteatro ao ar livre com valências de recreio, um outro recreio para o pré-escolar com brinquedos vários e mesinhas exteriores, um pequeno auditório que também irá funcionar como sala de música e uma biblioteca equipada e informatizada com uma soberba vista sobre o Tejo. “Estamos muito orgulhosos e afortunados por este espaço fantástico, mas a escola são as pessoas que a fazem, todos nós viemos de espaços muito pouco dignos para a função da educação, por isso agora estamos muito felizes e lisonjeados”.

Escola Básica Sarah Afonso

Situada nos Olivais, a EB Sarah Afonso foi uma das escolas que sofreu uma intervenção geral de grande impacto. A começar pelo novo pavilhão polidesportivo de grandes dimensões com capacidade para os 120 alunos do 1º ciclo e 65 crianças de jardim-de-infância previstos para esta escola. Para a professora coordenadora Teresa Ribeiro este terá sido um dos ganhos principais, uma vez que responde às anteriores carências da escola. “Foi uma lufada de ar fresco”, refere, “que permitiu que integrássemos o projeto piloto da educação física curricular em parceria com a CML”.

O edifício principal e a envolvente foram alvo de grandes intervenções que passaram pela remodelação das salas, substituição de coberturas, pavimentação do espaço exterior, substituição de redes de infraestruturas (esgotos, eletricidade, entre outros), assim como o novo refeitório, mais amplo e com capacidade para a

confeção de refeições no local. “O refeitório foi um dos grandes ganhos. Antes as crianças almoçavam num espaço adaptado e as refeições tinham de vir de fora, agora todas podem comer num espaço como deve ser e num só turno”. A Sarah Afonso beneficiou também de uma requalificação de todo o espaço exterior, espaço já de si bastante amplo, mas que não podia ser totalmente aproveitado; agora existem zonas com estruturas lúdicas, zonas de atividade física, zonas separadas para o ensino básico e jardim-de-infância, zonas ajardinadas, zonas cobertas e ainda sobra espaço para muita correria e gasto de energias. Outra das valências da escola está no trabalho feito ao nível de ensino especial, que viu as suas salas e infraestruturas melhoradas.

Escola dos Lóios

“Mas como é que isto aconteceu?, pensou o fantasmilha. Isto de ter as cuecas rasgadas é um bocado embaraçoso”, as crianças divertiam-se com as desventuras do fan-



tasminha, personagem do livro da autoria de Isabel Ricardo, “O Fantasma das Cuecas Rotas” que a professora bibliotecária lia na hora do conto. É assim na nova biblioteca da Escola dos Lóios, equipada, informatizada e decorada a preceito, já a funcionar em pleno. Esta foi mais uma das valências que a Escola dos Lóios ganhou com a profunda reestruturação que sofreu e que permite oferecer aos alunos um espaço condigno com a função de ensinar. Alvo também de profunda remodelação foi o espaço exterior, a nova cozinha equipada para confeção local, o pavilhão gimnodesportivo, a remodelação das salas, tetos, zonas de recreio cobertas, computadores, quadro interativo e pavimentação nova.

Para a professora coordenadora Dina Oliveira a recuperação do espaço envolvente foi um dos maiores ganhos para os mais de cem miúdos que frequentam a escola, com espaços diferenciados, campos de jogos e equipamentos lúdicos. Para o ano fica a abertura do Jardim-de-Infância. O gabinete médico foi também outra das novas aquisições, como acontece em todas as novas escolas. Inserido no bairro de Chelas, onde muitas famílias foram fortemente atingidas pela crise, a renovada escola dos Lóios surge como um equipamento de referência para a comunidade, exemplo disso é



o funcionamento do grupo Ecoestilistas, uma associação do bairro que se reúne na escola aos fins-de-semana para realizarem diversas atividades como jogos desportivos, iniciação à cozinha, trabalhos manuais, visitas de estudo, e que prestam uma ajuda preciosa aos pais que trabalham durante os fins-de-semana.



Escola Mestre Arnaldo Louro de Almeida

Situada na confluência entre Entrecampos e o bairro do Rêgo, a Escola Mestre Arnaldo Louro de Almeida está instalada num edifício dos anos 50, agora totalmente requalificado e equipado. O generoso espaço exterior foi alvo de requalificação profunda com intervenção a nível de abastecimentos e esgotos. “A escola tem um espaço exterior excelente, mas que estava subaproveitado, ao contrário de agora que apresenta muitas zonas de recreio com equipamentos lúdicos, um campo de futebol, umas pequenas hortas pedagógicas, foram tudo benefícios. A escola foi também dotada com um anfiteatro ao ar livre que permite fazer apresentações e reunir todos os alunos para eventos”, explica a professora coordenadora da Mestre Arnaldo Louro de Almeida, Ana Luísa Pires. Dentro do edifício foi mantida a estrutura anterior, robusta, com muita entrada de luz e pontuada por painéis de azulejos, mas as salas foram todas requalificadas e devidamente equipadas, climatizadas. “A CML fez de facto um esforço muito grande ao repensar a escola em termos funcionais para estas idades, tornando tudo muito atrativo. “A escola estava muito conotada com a sua zona de implantação e nos últimos anos temos pro-

movido uma maior mistura social e isso tem-se conseguido e esperamos que agora com toda esta revitalização atraia um maior número de pessoas, porque é uma escola muito central”, explica a professora. “É uma escola com uma equipa muito coesa e com um plano de atividades curriculares muito ambicioso, muito rico, os alunos fazem muitas saídas ao longo do ano letivo, algo que o passaporte escolar veio permitir”, acrescenta.

Jardim-de-Infância de Belém

Também alvo de profunda requalificação e melhorias substanciais foi a escola Jardim-de-Infância de Belém, nas antigas instalações da escola 107, encerrada em 2000 e que agora volta a cumprir a sua função vocacionada para as crianças em idade pré-escolar. Também foram introduzidas melhorias no espaço exterior, totalmente ajardinado, zonas de sombra, equipamentos lúdicos e a reconstrução de um refeitório com capacidade para confeção própria. Naturalmente, todo o espaço interior foi alvo de profunda reestruturação e mobilado com equipamento pedagógico novo. Esta nova escola vem suprir as necessidades da população das zonas de Belém e Restelo e para ali também transitam as crianças do Jardim Escola de Pedrouços que agora deixará de funcionar. ♿



Arte por São Cristóvão

Todos pela recuperação da igreja

Arte por São Cristóvão é o nome da campanha para recuperar a igreja de São Cristóvão, na Mouraria, fruto de uma candidatura ao Orçamento Participativo de Lisboa. A vitória do projeto resultou na atribuição de 75 mil euros destinados ao lançamento da campanha de angariação de fundos, assente em diversas iniciativas em torno do património da igreja e na mobilização da comunidade lisboeta.

[texto de Filomena Proença | fotografia de Nuno Correia e Ana Luísa Alvim]

Depois de duas décadas de quase silêncio, os sinos da Igreja de São Cristóvão ecoam agora a repique, diariamente, convidando quem os ouve a entrar. Deixamo-nos cativar pelo apelo e franqueamos as portas, deixando lá fora o frenesi da vida citadina. O silêncio impera nesta casa de oração e podemos demorar-nos em cada altar, cada tela, cada pormenor de talha dourada, todos e cada um a necessitar de intervenção urgente.

Quando o padre Edgar Clara chegou à paróquia de São Cristóvão e São Lourenço, em 2010, as suas 12 igrejas apenas abriam para a missa e todas careciam de restauro. A resposta das várias instituições a que recorreu não foi suficiente e por isso encontrou no Orçamento



Participativo de 2014 uma oportunidade. Mobilizou para a votação moradores, instituições e associações locais, o esforço deu frutos e o projeto “Pela Arte de São Cristóvão” foi vencedor.

Assim, com o objetivo de divulgar o rico património artístico da igreja, desde abril estão em curso na paróquia várias ações que incluem visitas guiadas, *workshops*, espetáculos de fado e concertos de música clássica.



Mas o esforço vai mais longe. Com ajuda de uma campanha de *crowdfunding*, a par de outras ações de angariação de fundos como a distribuição de mealheiros ou a venda dos Biscoitos de São Cristóvão, foi possível reunir o dinheiro necessário para o restauro de uma das 35 telas da autoria de Bento Coelho da Silveira (séc. XVII) que aguardam recuperação.

O restauro da tela, que representa Santo Antônio a dar de comer aos pobres, foi feito ao vivo durante o mês de julho. No mesmo período realizaram-se alguns *workshops* para adultos e crianças, com o objetivo de atrair as pessoas para a igreja, levando-as a contribuir para o restauro, e despertar a necessidade de preservar o património.

Entretanto a operação de *crowdfunding* atingiu cinco mil euros e permitirá restaurar a tela do altar-mor, que avança agora. Mais uma etapa atingida, mas não se pense que o padre Edgar fica por aqui. Concentra-se agora no grande objetivo inicial, angariar os 140 mil euros necessários para repor todo o telhado. São cerca de sete mil telhas a utilizar, pelo que também para esta etapa foi pensada uma forma de contribuição: por 20 euros a unidade e com a possibilidade de serem assinadas, as telhas já estão à “venda”.

Um milhão

O telhado é de resto uma das grandes preocupações do padre, que não tem papas na língua: “Nesta fase as telas são apenas um apêndice e servem como anzol para que as pessoas venham ver a arte. O nosso grande objetivo é que o restauro ao vivo e o *crowdfunding* permitam fazer dinheiro para repor todo o telhado. É uma questão de marketing.”

Por isso as iniciativas de recolha de fundos continuam e já em novembro realiza-se um seminário sobre recuperação do património, que juntará académicos e membros da sociedade civil numa reflexão sobre boas práticas de preservação e gestão do património sustentável.

Para janeiro está prevista uma exposição de arte contemporânea dentro da igreja, que vai estabelecer um diálogo entre a arte barroca e a atual.

A campanha corre bem mas os sonhos do padre Edgar Clara vão mais longe, a pensar no valor total da recuperação: “não acredito que alguma instituição me dê um milhão de euros mas acredito que um milhão de pessoas pode dar um euro cada. Se um milhão de pessoas fizer uma transferência de um euro para a conta bancária da paróquia ou participar na campanha, o que sobrar será aplicado na recuperação de uma das 12 igrejas ao meu cuidado.”

Recuperar a igreja custa um milhão e duzentos mil euros, e o padre conclui em jeito de apelo: “pode ser que uma alma benemérita me dê um milhão.”

O desafio fica lançado! 🏰

VIVER ▾

VISITAR ▾

INVESTIR ▾

PARTICIPAR ▾

SERVIÇOS ▾

MUNICIPIO ▾

VIVER ▾

VISITAR

INTERVENÇÃO SOCIAL

NOTÍCIAS

PEDIDOS AOS SERVIÇOS

PERGUNTAS FREQUENTES



Início » Viver » Intervenção Social

APOIO NO ÂMBITO SOCIAL

REDES

DOCUMENTOS ESTRATÉGICOS E PLANOS

ENVELHECIMENTO

FAMÍLIAS

COMPORTAMENTOS

Pessoas com Deficiência

SAÚDE

Crianças

Outros

No sítio *Online* da CML A Intervenção Social

O separador Viver do sítio da Câmara Municipal de Lisboa na internet tem uma área dedicada à intervenção social com vasta informação para os munícipes.

Aqui estão disponíveis as listas de equipamentos e observatórios sociais, o regulamento de atribuição de apoios no âmbito social, as redes que o município de Lisboa integra e os planos e estratégias municipais em áreas como a interculturalidade, voluntariado, igualdade, saúde ou direitos da criança, além dos programas destinados a apoiar as famílias e as pessoas sem-abrigo da cidade.

No menu envelhecimento está disponível informação sobre programas como Envelhecimento Ativo e Saudável, Praia Campo Sênior, Guia de Lisboa para a Idade Maior, Voluntariado Sênior ou o serviço de teleassistência, um complemento do Programa S.Ó.S. (ver artigo pág 16).

O utilizador pode também acompanhar a atividade do Conselho Municipal para a Inclusão de Pessoas com Deficiência e conhecer os vários programas disponíveis

para esta população, como o transporte adaptado diário e gratuito ou o programa Casa Aberta, que promove a acessibilidade no acesso e no interior das habitações de pessoas com mobilidade reduzida.

Informação sobre programas de combate à exclusão social está ainda disponível no menu Economia Social e Empreendedorismo, nomeadamente um mapa georeferenciado das Lojas Sociais de Lisboa, os Quiosques Inclusivos ou a Incubadora Social. 📍



<http://www.cm-lisboa.pt/viver/intervencao-social>

Subsídio Municipal ao Arrendamento | sma

Sabia que pode receber 1/3 do valor da renda da sua habitação? A Câmara de Lisboa atribui este valor durante 12 meses renováveis por igual período aos agregados familiares que estiverem nas condições do Programa Subsídio Municipal ao Arrendamento (SMA).

Novo período de candidaturas de 15 de outubro a 14 de novembro de 2015

Consulte o site: www.cm-lisboa.pt/viver/habitar



Juntos pelo futuro da Maria.

Os mais de 600 mil associados do Montepio garantem, juntos, um papel ativo e relevante na sociedade. Prova disso é o projeto de literacia financeira Portal Ei – Educação, Informação, um exemplo entre muitos de que ao ajudarmos cada um, estamos a ajudar todos.

montepio.org

175^{ANOS}
Associação
Mutualista
Montepio

Juntos por todos



Vontade de fazer coisas

MAKERS NO FABLAB LISBOA

[texto de José Marques | fotografia de Nuno Correia]

Quinta-feira, 15h30, dia em que o FabLab abre as portas à comunidade. Chegamos e Pedro Ângelo já nos aguarda no espaço ocupado pelo AltLab, uma comunidade dedicada à pesquisa e experimentação com material eletrónico. Investigador, formado em ciência de computadores e a fazer um doutoramento na área dos mega digitais, tem 36 anos.

A fazer lembrar uma velha oficina eletrotécnica, no espaço abundam carcaças de rádios, eletrodomésticos, computadores e outros equipamentos. Robótica, instrumentos científicos, sintetizadores, brinquedos...

“Antes chamava-se a este tipo de pessoas inventores ou engenheiros, agora são *hackers* ou *mackers*”, diz-nos, explicando que *hacker* começou por ter uma conotação positiva, ligada à “transformação das coisas de forma inteligente” e a especialistas em segurança informática. Trata-se de “alguém que tem uma curiosidade insaciável pela tecnologia” e é esse conceito que pretendem recuperar, por isso o lema da comunidade: *Hacker soft skills*. Foi de resto a partir do Altlab que chegou Char-

Na linguagem ligada ao mundo da inovação e criatividade são conhecidos por *makers*. Não é possível tipificá-los numa área de produção, a não ser pelo que os une: o espírito criativo, a vontade de fazer coisas, a determinação e a presença no FabLab, um laboratório municipal de prototipagem rápida, instalado há três anos no Mercado do Forno do Tijolo, nos Anjos.





les Rosário, um professor de artes plásticas com 43 anos e filho de emigrantes em França, agora a viver em Lisboa. Com a Lisbão Sabão, ainda em fase embrionária, pretende comercializar produtos de sabão direcionados ao mercado turístico, usando motivos tradicionais, particularmente o azulejo e a calçada.

“Sempre achei que o retrato verdadeiro de Lisboa tem uma alma nos prédios, no azulejo ou na calçada”, e o projeto nasce da vontade de “fazer alguma coisa” a esse nível, diz. O querer juntou-o a uma parceira ligada à indústria do sa-

bão e agora dedica uma boa parte do seu tempo livre na confeção artesanal dos produtos. Certificados, salienta.

Mas o projeto comercial é também um alerta para a preservação do património.

“Transmitir a ideia que não se comprem azulejos roubados”, frisa, clarificando que ainda não têm uma loja mas podem ser encontrados em <https://www.facebook.com/lisbaosabao>

Jorge Nuno, 51 anos, professor de tecnologias, chegou apressado e rapidamente se instalou no espaço que ocupa com o projeto *use2fly.com*

Ainda ofegante explica que já faz modelismo “há muitos anos e isto nasce com a ideia de fazer um avião para um *workshop* no FabLab”, que consiste em montar um avião, equipá-lo com motor e restantes mecanismos para voar e fazer um simulador de voo.

Nasceu como “uma brincadeira

a fazer aviões e eles é que me têm estado a incentivar a transformar isto em negócio.” Por isso fornece os aviões para os *workshops* como contrapartida de ocupar o espaço e agora prepara a venda na internet.

É residente apenas há um mês e meio mas não esconde a vontade de fazer. Por agora o projeto centra-se nos aviões mas a ideia é alargar aos barcos e carros. 🛩





As cheias em Lisboa terão os dias contados

Atualização do Plano de Drenagem de Lisboa

Para reduzir o risco de inundações na cidade, a Câmara Municipal de Lisboa vai investir, até 2030, cerca de 169 milhões de euros, num conjunto de intervenções que visam minimizar os impactos sociais e ambientais causados pelas cheias, com preocupação acrescida na proteção de pessoas e bens.


Nos próximos cinco anos serão cerca de 97 milhões de euros, e numa segunda fase, entre 2021 e 2030, o investimento - no projeto que a autarquia considera o mais importante e mais estruturante das próximas décadas para a cidade de Lisboa - rondará os 72 milhões, representando um investimento total de cerca de 169 milhões de euros.

As medidas propostas, a executar num período de quinze anos, constam da recente atualização do Plano Geral de Drenagem de Lisboa (PGDL), que teve em linha de conta o programa de governo da cidade de Lisboa, assegurando a articulação com programas como *Uma Praça em cada Bairro*, *Pavimentar Lisboa 2015/2020* e *Plano de Acessibilidade Pedonal*.

Dois grandes túneis a construir - um de 5 km entre Monsanto / Santa Marta / Santa Apolónia e um segundo com 1 km entre Chelas e Beato - constituem as principais

infraestruturas para o desvio dos caudais, complementadas, entre outras medidas, com intervenções no reforço da capacidade de coletores das redes principais e secundárias, reforço da captação do escoamento de superfície (sarjetas de passeio e sumidouros de grades) e de beneficiação das descargas por alargamento de saídas no rio Tejo.

Zonas como Alcântara / Largo das Fontainhas, Rua das Pretas / Rua de São José / Rossio, Martim Moniz / Praça da Figueira, Xabregas / Rua Gualdim Pais e Avenida de Berlim, que constituem os principais problemas de drenagem pluvial da cidade de Lisboa, são alvo de novas propostas de solução do PGDL (2016/2030).

Mais informações sobre o PGDL, cujo período de discussão pública terminou no dia 30 de setembro, podem ser consultadas em <http://www.cm-lisboa.pt/participar/lisboa-em-debate/plano-drenagem> 

Olisipiadas promovem convívio intergeracional

A 2ª edição das Olisipiadas regressa em fevereiro de 2016. Depois do sucesso da 1ª edição, que reuniu 5250 inscrições de crianças e jovens, dos 6 aos 14 anos, a Câmara de Lisboa abre a participação aos mais velhos, de forma a promover o convívio intergeracional.



Lisboa vai ao Parque

Fomentar a prática regular da atividade física e hábitos de vida saudáveis, aproximando as famílias dos parques da cidade e reforçando as relações familiares e sociais, são os objetivos do programa municipal Lisboa vai ao Parque, organizado em colaboração com as juntas de freguesia.



Marcha e Corrida em Lisboa

Inaugurado em setembro, o novo Centro Municipal de Marcha e Corrida de Lisboa (Lisboa Running Center) aumentou a oferta desportiva da cidade, com um programa especializado, dedicado a todos os interessados na prática regular de atividade física, com idade igual ou superior a 15 anos.



Os avós vão poder acompanhar os seus netos em algumas modalidades, em representação da sua freguesia.

Outra novidade para 2016 será a inclusão de modalidades de experimentação, como a canoagem e o skate. Na edição inaugural as modalidades com mais inscrições foram o futsal, a natação, a ginástica e o basquetebol.

O projeto, organizado pelo município em articulação com as 24 freguesias de Lisboa, associações, federações e coletividades locais, divide-se em duas fases: de fevereiro a abril decorrem as competições entre freguesias e na fase final, entre maio e junho, os atletas apurados competem numa grande festa desportiva.

Mais informação:

<http://www.cm-lisboa.pt/olisipiadas>

Com início no passado mês de abril, as atividades terminam no final de outubro. Ao longo deste período cerca de 600 pessoas, em cada tarde de sábado (exceto em agosto), usufruíram gratuitamente das condições oferecidas em parques, como o da Tapada das Necessidades, Quinta das Conchas (com a maior afluência), Alvito, Vale do Silêncio, Calhau e Parque Urbano do Tejo e do Trancão.

Ginástica, judo, corrida, karaté, danças, yoga, jogos tradicionais, gincanas, música, desportos com bola, atividades com cavalos, segways, modelagem de balões, caminhadas e corridas, rastreios de saúde ou ações de sensibilização ambiental atraíram cerca de 11 mil pessoas aos parques de Lisboa.

Acompanhado por técnicos credenciados, o programa centra-se no desenvolvimento das capacidades funcionais, de forma progressiva, e de acordo com a resposta individual de cada participante, com planos personalizados de treino.

Todos os inscritos no Centro, a funcionar na Pista de Atletismo Municipal Professor Moniz Pereira, serão sujeitos a uma avaliação física de forma a estabelecer os parâmetros iniciais para a correta prescrição do treino, acompanhada de reavaliações periódicas.

As sessões de treino orientadas têm lugar às 2ªs e 4ªs das 9h30 às 11h00 e às 3ªs e 5ªs das 19h00 às 20h30.

Mais informação:

pista.moniz.pereira@cm-lisboa.pt

Telefone: 218 170 141

PAVIMENTAR LISBOA 2015-2020

+ SEGURANÇA + CONFORTO + MOBILIDADE

PLANO DE REABILITAÇÃO DE VIAS


25 milhões de investimento
nos próximos dois anos

Um pouco por toda a cidade percebe-se o impacto das obras, pois muitas já começaram. E até 2017 virão muitas mais. Trata-se do Plano de Reabilitação de Vias que envolve 150 arruamentos, a reconstrução de 110 quilómetros de pavimento, a reconstrução de passeios e a substituição de infraestruturas de drenagem sempre que necessário, incluindo coletores.

Por outro lado algumas vias passarão a ter sinalização horizontal e muitas passeadeiras serão rebaixadas ou alteadas. O plano prevê ainda a introdução de pisos táteis e guias para pessoas com mobilidade reduzida, a criação de lugares de estacionamento para automobilistas com deficiência, motociclos e bicicletas, ou a instalação de contentores de resíduos

em profundidade em algumas zonas.

Tudo em busca de uma cidade mais amiga das pessoas, com mais segurança, melhor mobilidade e maior conforto.

Pode acompanhar o plano online, em www.cm-lisboa.pt/pavimentar-lisboa/2015, onde encontra uma relação dos arruamentos a intervencionar a sua identificação no mapa da cidade. 

+ INFORMAÇÕES:

pavimentarlisboa@cm-lisboa.pt
www.cm-lisboa.pt



Salão Imobiliário 2015

A Câmara Municipal de Lisboa marcou presença em mais uma edição do Salão Imobiliário de Portugal (SIL 2015), que decorreu de 7 a 11 de outubro na FIL, no Parque das Nações.



Num espaço com 216 m², o tema dominante foi o espaço público, as ruas e a importância destes locais na melhoria das condições de habitabilidade, estimulando a identidade local e a noção de comunidade, potenciando o convívio e tornando a cidade mais competitiva, económica e socialmente.

A edição do SIL 2015 abordou ainda temas ligados à promoção da reabilitação urbana, do mercado de arrendamento e eficiência energética.

Desde a 1ª edição, em 1998, que o SIL tem registado uma evolução permanente ao longo das várias edições, adaptando-se às necessidades do mercado, alcançando o reconhecimento nacional e internacional e tornando-se num ponto obrigatório para investidores, empresários, técnicos, organismos públicos e público potencial comprador.

Regulamento de Infraestruturas em Espaço Público

O novo Regulamento de Infraestruturas em Espaço Público, aprovado em Assembleia Municipal no mês de julho, visa disciplinar a ocupação da via pública, minimizando os prejuízos na acessibilidade dos cidadãos.



A autarquia pretende, através desta medida, regular as intervenções ao nível das infraestruturas urbanas - redes de comunicações electrónicas, abastecimento de gás, sinalização luminosa, infraestruturas de suporte de transportes públicos, entre outras - e limitar as barreiras arquitectónicas da cidade.

O Regulamento tem também como objetivo a eliminação das infraestruturas obsoletas que representam um risco em termos de segurança e contribuem para uma imagem negativa da cidade e a migração das cablagens apostas sobre as fachadas dos edifícios para o subsolo.

O Regulamento de Obras na Via Pública, que se encontrava em vigor, tinha sido aprovado pela Câmara Municipal a 19 de junho de 1963.

Mais informações:

<http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/regulamentos>

OPEN HOUSE LISBOA 2015

Quem nunca teve a curiosidade de entrar na casa de um arquiteto ou visitar a pé a Ponte 25 de Abril?

No fim de semana de 10 e 11 de outubro, a Trienal abriu portas à 4ª edição



do Open House Lisboa. Um roteiro de visitas gratuitas que percorreu mais de 500 anos de arquitetura.

Através de visitas comentadas por especialistas ou por uma equipa de voluntários, foi uma oportunidade única de explorar lugares surpreendentes e espaços inacessíveis da cidade. Um evento que desvendou casas privadas, escolas, palácios, visitas de bairro e muito mais, num total de 70 espaços.

Organizado pela Trienal de Lisboa, o programa contou ainda com um ciclo de cinema e um passatempo no *Instagram*, entre outras atividades.

Descubra a cidade através da arquitetura em: www.openhouselisboa.com



CAIS DO SODRÉ E CAMPO DAS CEBOLAS

MAIS ESPAÇOS VERDES E PEDONAIS

As obras de requalificação urbanística no Cais do Sodré, Largo do Corpo Santo e Campo das Cebolas vão iniciar-se em breve com a construção de mais zonas verdes, pedonais e cicláveis, com o propósito de devolver o rio à cidade. [texto de Sofia Velez]



O projeto de requalificação do Campo das Ceboas propõe a criação de uma praça voltada para a cidade, recolhida sob árvores frondosas, estendendo-se até à Avenida Infante D. Henrique. Frente à Casa dos Bicos surgirá um espaço de estadia que enquadra o memorial do escritor José Saramago e a entrada na Fundação. O muro da Doca da Marinha, que atualmente a separa da avenida e do rio, será demolido dando lugar a um grande passeio arborizado, desde Santa Apolónia até ao Terreiro do Paço, com suporte para os percursos de mobilidade suave.

As obras no Cais do Sodré e no Largo do Corpo Santo irão dar sequência aos trabalhos de requalificação já concluídos da Praça do Comércio / Ribeira das Naus, a nascente, e do Aterro da Boavista / Av. 24 de Julho, a poente. Pretende-se valorizar os espaços singulares do

Largo da Igreja do Corpo Santo, da Praça do Duque da Terceira e do Jardim Roque Gameiro, frente à estação dos comboios, tendo em conta que estes espaços integram um dos maiores interfaces de transportes de Lisboa, combinando comboio, barco, autocarro, metro e elétrico. Estes trabalhos pretendem melhorar a mobilidade pedonal, com a ampliação dos atuais passeios, a construção de novas zonas de estar e de encontro multigeracional, bem como a introdução de novas zonas de estadia e lazer. As áreas ajardinadas e de arborização serão ampliadas e o mobiliário urbano renovado.

Por fim, pretende-se concluir a ligação da pista ribeirinha ciclável que se estende de Belém ao Parque das Nações e que se encontra parcialmente interrompida num troço entre o Cais do Sodré e Santa Apolónia. 🚲

LOJAS COM ALMA

CAMISARIA MODERNA

Da arte do bem vestir à ética do bem fazer

O legado de António Regojo Rodriguez, fundador da Camisaria Moderna, é maior do que a emblemática loja no Rossio ou a primeira confeção em série de camisas em Portugal. Ele deixou-nos também um exemplo de responsabilidade social, com as suas fundações vocacionadas para a solidariedade e os lucros da loja integralmente dirigidos para ajudar quem necessita.

[texto de Luís Miguel Carneiro | fotografia de Ana Luísa Alvim]

Nascido em 1904, na vila de Formoselle (Zamora, Espanha, a poucos quilómetros da fronteira com Trás-os-Montes), António Regojo era um dos sete filhos de um lavrador. Com apenas catorze anos - na ressaca da crise económica do pós Grande Guerra, da epidemia de gripe pneumónica e da devastação das vinhas pela praga da filoxera - juntou-se a dois irmãos que haviam emigrado para Lisboa, onde chegou em 1919. Com os irmãos, todos os dias calcorreava trinta quilómetros a vender rendas, que carregavam em trouxas pelas ruas da cidade ou pelas estradas até Sintra ou Cascais. Ao fim de dois anos, com o dinheiro amealhado, conseguiram alugar um armazém para revenda da sua mercadoria na Rua da Madalena – era o início de um percurso de sucesso empresarial.

Quando, em 1922, um cliente do armazém pagou a sua dívida com três máquinas de costura, ele, os dois irmãos, as duas cunhadas e dois empregados passaram a confeccionar camisas 24 horas por dia / sete dias por semana, numa arrecadação na Rua

das Pedras Negras. Em 1924, mudaram-se para a Rua José António Serrano (onde ainda se mantêm), ao Martim Moniz, aumentando as instalações da fábrica nas vizinhas ruas da Palma e de S. Lázaro. Em breve tinham dezenas de costureiras ao serviço. Era a primeira unidade da Península Ibérica a fabricar camisas em série, da marca “Regojo”.

Com 28 anos, António Regojo teve a arrojada decisão de tomar uma loja no Rossio, nº 110, que aí vendia tecidos desde 1925. A 15 de junho de 1932 abria as portas nesse local a Camisaria Moderna. Nos andares superiores, que também alugou, estabeleceu outra fábrica de camisas (onde nasceu a marca “Pluma”), armazéns e escritórios. O sucesso da empresa comercial foi imediato, muito por via da sua oferta: para além das camisas fabricadas em série e artigos acessórios (colarinhos, punhos, gravatas, cintos, etc.), o estabelecimento oferecia camisas de tamanhos grandes, feitas à medida. Celebrizando o facto, um boneco de um senhor gordo passou a operar como imagem do estabelecimento.

Já com sucursal aberta em Madrid (1962), na Calle Preciados (que tomou fama por ter dentro de portas uma centena de canários em liberdade, o que lhe mereceu registo no “Guinness Book of Records”), a Camisaria Moderna passou também a vender fatos e pronto-a-vestir de homem, disponibilizando igualmente os tamanhos grandes. Depois da remodelação da loja (que passou a ter três níveis com o aproveitamento da cave e a sobrelevação da parte que dá para a Praça da Figueira), da autoria do arquiteto Anselmo Fernandes, atualizando o cunho de “modernidade”, passou também a oferecer pronto-a-vestir de senhora. A clientela, naturalmente, incluiu nomes sonantes da vida social, política e artística lisboeta das diversas gerações. Na área do desporto, Eusébio foi presença incontornável, passando a dar a cara na publicidade das empresas da família Regojo.

Homem frugal e de gostos simples (abdicou de carro e casa de férias para andar nos transportes públicos; comia em restaurantes baratos, onde a gorjeta que deixava era sempre superior à da conta), António Regojo foi sempre amigo de ajudar quem necessitasse e de intervir civicamente. Desde logo, começou com apenas 25 anos, não esquecendo a sua terra natal, e, depois da morte da sua única filha Conchita, com a criação das duas versões da Fundação Conchita Regojo (uma em Portugal e outra em Espanha), dotadas de meios financeiros para ações de solidariedade. Também deixou estipulado, desde os anos 40, que os lucros da Cami-

saria Moderna seriam integralmente empregues em ações de solidariedade: bombeiros, deficientes, hospitais e pessoas em situações dramáticas de que tinha conhecimento pela leitura dos jornais tiveram sempre a sua ajuda. O sobrinho-neto, Jaime Regojo, recordou-nos que, quando a Liga de Bombeiros anunciou a necessidade de ambulâncias para 67 corporações, o benemérito ofereceu 22 delas e sensibilizou outros empresários para a importância da responsabilidade social, assim se conseguindo as restantes.

Várias vezes condecorado por instituições e estadistas de Portugal e Espanha, o comendador Regojo (como ficaria conhecido), amigo do rei Juan Carlos e dos casais presidenciais Eanes e Soares, incansável filantropo e inspirador da causa antitabágica, morreria com 99 anos, a 15 de junho de 2003 – exatamente 71 anos após a inauguração da Camisaria Moderna. Hoje a loja perdeu algum do

brilho de outrora, muito por culpa da incerteza do futuro. Para todo o quarteirão, que foi pertença da mesma família, esteve prevista a construção de um hotel, projeto que foi sucessivamente adiado. Vendido a um grupo económico, do anunciado hotel subsiste apenas um quarteirão degradado na sala de visitas da cidade, com os pisos superiores devolutos. Apenas o comércio de tradição dos pisos térreos mantêm a chama da irrequieta vida lisboeta. Será que as lojas com alma que animam a praça mais concorrida de Lisboa não poderão ser compatíveis com o futuro hotel? Esperemos que sim. 🏠





Helena uma ardina de Lisboa

Helena Gregório, 58 anos, vende jornais e revistas desde tenra idade num dos mais conhecidos bairros de Lisboa - Alvalade.

O seu quiosque a que deu o nome de “Fantástico”, virado para a frontaria de uma das mais antigas pastelarias da capital, a “Biarritz”, é um mundo de cor digno do mais belo postal ilustrado.

Todos a conhecem no bairro. Viram-na crescer aqui na rua, ao lado dos irmãos e dos seus pais, Laura e Amadeu, antigos ardinas, que vendiam e apregoavam as “últimas” pelas ruas da cidade.

[texto de Sara Inácio | fotografia de Américo Simas]

Assomada no balcão do seu espaço, quase perdida no meio de centenas de jornais e revistas, recebe-nos afável e com um rasgado sorriso, já peculiar no acolhimento que faz aos seus clientes, como podemos observar.

“Sou do tempo em que se jogavam os jornais pelas janelas”. Não hesita em mostrar-nos como se dobra e atira o jornal, em forma de bola, a grandes alturas. Ela própria conseguia a proeza de alcançar o segundo

andar e o pai o quarto. “Nasci e cresci aqui no bairro, com os meus irmãos e os meus pais. Comecei a vender jornais com três anos, neste mesmo lugar, numa padiola de madeira onde os jornais eram expostos com as moedinhas dos trocos, em cima. No inverno refugiávamo-nos no alpendre da pastelaria Biarritz. De sacola às costas, eu e os meus irmãos corríamos as vivendas todas do bairro”.



Interrompe o discurso para atender uma cliente. A senhora pega numa revista e no dinheiro para pagar e Helena dá-lhe outra e diz: “Esta é que é a revista que costuma levar, saiu hoje”. A cliente agradece e confia-nos: “Ela nunca se engana, nós é que já nos baralhamos!”.

Retoma o seu rosário de vida. “Bem pequenina subia a pé a Calçada da Glória para ir às redações dos jornais, no Bairro Alto, buscar os jornais e revistas. Nessa altura não havia distribuidores. Depois, descia a calçada com as resmas à cabeça e nunca escorreguei. Mais tarde ainda trabalhei na costura e num cabeleireiro, mas tive de me desempregar para vir ajudar o meu pai que estava muito doente. Depois da padiola, tivemos um quiosque de chapa, onde criei os meus filhos, onde lhes lavava o rabiosque e lhes dava a comidinha, enquanto fazia a venda. Este já é o terceiro”.

Apesar das dificuldades, continua, “tenho saudades desse tempo e gosto muito do que faço, apesar de muitas horas aqui parada. Venho às sete horas e regresso a casa às sete da tarde. Fiz apenas a 4ª classe mas orgulho-me de saber ler e escrever muito bem. Conheci gente muito importante. Era eu que ia levar o Diário de Notícias a casa do Doutor Marcelo Caetano. Nunca fiquei à porta, mandava-me sempre entrar, fazia-me uma festa na cabeça e ele, ou a sua mulher, pediam à criada que me desse uma fatia de bolo, acabado de fazer”.

Os clientes continuam a chegar à sua banca, uns mais bem-humorados que outros, mas Helena nunca perde o sorriso e vai logo direita ao jornal ou à revista, mesmo antes de ser solicitado. Conhece-os a todos e sabe as suas preferências. O senhor padre da Igreja S. João

de Brito acabou por levar três jornais, também aqui vem desde 1967 e referiu-se a Helena com ternura: “Muito trabalhadora, conheço-a desde que vim para esta paróquia”.

“Sou filha deste bairro e toda a gente faz o favor de gostar de mim. Adoro esta cidade mas é a Praça de Alvalade e este local, onde cresci, que estão no meu coração”, confia a ardina de Lisboa.

Helena ainda hoje leva os jornais a casa de quem não os pode vir buscar. 📖



MATERIAIS DO ARDINA

- ✓ Saco
- ✓ Corda
- ✓ Tesoura
- ✓ Molas
(para pendurar jornais e revistas)

Quiosque Fantástico

Largo Frei Heitor Pinto
(Frente à Pastelaria Biarritz)



Lisboa na imprensa internacional

A diversidade e qualidade na utilização do espaço público em Lisboa para a arte urbana vem chamando permanentemente a atenção da imprensa estrangeira. Hoje, são muitos os que nos visitam com o propósito expresso de visualizar a riqueza expressiva da *street art*.

Nesta área, o trabalho desenvolvido pela associação *Lata65* tem merecido destaque. A *TVE* e o *Guardian* abordaram o seu projeto de *graffiti* para idosos. No jornal britânico, Trish Lorenz desafia os leitores a conhecer as “avôzinhas do graffiti” e dá-lhes a palavra. Aida Alves, de 76 anos, conta como aprendeu a compreender as histórias contadas pelas pinturas murais e Isaura Santos Costa, aos 90, manifesta o seu entusiasmo por poder participar na sua construção.

Um excelente guia para a nossa melhor arte urbana foi publicado no *Blocal Travel*. A autora visitou-nos este verão, propositadamente



O sucesso turístico de Lisboa resulta das boas experiências de quem nos visita, em ecos repetidos nas redes sociais. Allyn vive em Cincinnati e recomenda no seu blog (*A girl named Allyn*) a Nova Pombalina e as suas sandes de leitão - *so damn tasty!*



A instalação de uma ponte permitindo entrar pela Fonte Luminosa, realizada por Marcelo Dantas para as Festa de Lisboa, merece relevo em diversas publicações sobre arquitetura e design, tais as *Arcdhaily*, *Dezeen* ou *Arch20*, entre muitas.

para visualizar o papel desempenhado pela *street art* no contexto da reabilitação urbana, atenta ao apoio da edilidade aos artistas e aos resultados, destacando esta Lisboa mais colorida e *artsy* das suas congéneres europeias.

A boa comida continua a ser uma referência permanente na imprensa tradicional e nos blogs de viagem que nos recomendamos. *Friends-EAT* é uma comunidade *online* de *foodies* (apaixonados por comida e bebida). Blanca Valbueña publica uma extensa crítica ao Mercado da Ribeira, que compara a *Les Halles*, visitando e apreciando os seus diversos espaços. Veredito para os seus leitores: vão... vão já!

José Carlos Capel, para *El País*, destaca a variedade gastronómica que Lisboa oferece: o bom peixe, marisqueiras, japonês clássico ou criativo, a de base portuguesa mais ou menos criativa, e o grande número de padarias e pastelarias por habitante, pondo-nos a par de Paris em matéria de boa gulodice. Lisboa é uma festa, diz, antes de propor o seu roteiro. 🍷

Jovens com deficiência pintam mural em Telheiras

Vários jovens do atelier de pintura da Fundação AFID Diferença, pintaram, no final do mês de julho, um mural junto à estação do metro em Telheiras, cedido pela Galeria de Arte Urbana de Lisboa. Uma tela diferente, pintada em conjunto com o ilustrador Ricardo Campos e a *writer* Tamara Alves, para a qual os jovens transpuseram para o mural, recorrendo a diversas técnicas de arte urbana, um trabalho coletivo resultante da Residência Artística "Do papel ao mural", que o ilustrador vem desenvolvendo com estes jovens desde maio.



Esta residência desenvolveu um processo de trabalho que se iniciou na ilustração convencional, culminando na execução de um mural num espaço público. Desta forma, construiu-se uma ponte entre processos e materiais distintos, reforçando o papel do espaço no desenvolvimento de um processo artístico e do trabalho coletivo.

Mais informações:
<http://www.fund-afid.org.pt/>

Lisbon Passport

O *Lisbon Passport* é uma forma de conhecer a cidade e colecionar as suas experiências. O passaporte conta com a adesão de mais de 15 instituições, onde os turistas poderão obter carimbos grátis.



Castelo de S. Jorge, Museu Calouste Gulbenkian, Padrão dos Descobrimentos, Convento do Carmo, Museu do Fado são alguns dos nomes que aderiram ao projeto. Existem também lojas situadas em pontos turísticos da cidade onde se pode receber carimbos, como no Rossio, em Alfama, Belém, Bairro Alto, entre outros.

O objetivo do *Lisbon Passport* é ser a melhor recordação de Lisboa. Não só porque o próprio passaporte é ele mesmo uma bela lembrança, mas também porque convida as pessoas a descobrirem a cidade e a registarem todas essas experiências.

Mais informações:
www.lisboapassport.pt

Arte urbana de MYNEANDYOURS no Mercado Forno do Tijolo

O famoso artista MYNEANDYOURS visitou Lisboa durante o passado verão e deixou-nos uma peça de arte urbana no Parque Infantil do Mercado do Forno do Tijolo, numa iniciativa que contou com o apoio da Junta de Freguesia de Arroios e da Galeria de Arte Urbana.



A produção do criador Londrino, de origem iraquiana, é caracterizada pela sua nuvem e pela alteração na forma como percebemos o meio que nos rodeia. O seu trabalho pode ser encontrado em todos os cantos do mundo e agora também em Lisboa.

Nas palavras do artista: "Esta obra pretende deixar à comunidade local algo que os inspire a continuar a sonhar. Foi um privilégio pintar entre estas pessoas entusiasmadas e amáveis. Estou ansioso pela próxima oportunidade de estar numa cultura tão maravilhosa".

Conheça mais sobre o "Cloud Movement" no site: www.myneandyoures.com



Casa do Artista

Aqui todos são primeiras figuras

A Casa do Artista celebra 16 anos de atividade contínua de apoio às artes e aos artistas. É um lugar acolhedor, onde se respira afeto e onde todos formam uma grande família. [texto de Rui Cintra | fotografia de Américo Simas]

“Aqui todos são primeiras figuras” - foi assim que respondeu Manuela Maria, há já muitos anos, quando o filho de uma figura famosa lhe pediu: “tem de arranjar melhores condições para o meu pai porque ele é uma primeira figura”. Membro da direção desde o primeiro minuto, Manuela Maria já viu muito na Casa que concretizou o sonho do seu marido, Armando Cortez, desaparecido em 2002. Também ela habita na Casa do Artista, e corre ainda de *plateau* em *plateau*, para uma gravação de novela em estúdio, para uma homenagem no Teatro Nacional, outra gravação de exterior, em Bragança ou em Viseu. Neste modo

de vida, Manuela Maria é mais um entre os 72 ocupantes que formam a família da Casa do Artista. “Somos uma família; para muitos dos artistas que cá estão, a única que lhes resta”.

O projeto remonta ao início dos anos 70, quando Raul Solnado, Armando Cortez, Manuela Maria e outros sonharam uma casa condigna para os artistas passarem os seus últimos dias. As condições não eram famosas, a reforma era normalmente baixa (para quem a conseguisse), a que acrescia a instabilidade profissional do setor. A década de 80 viu o projeto ganhar forma e nascia a Apoiarte, associação com a missão de apoiar os artistas.

A cedência de um terreno pela Câmara de Lisboa foi o momento de certeza de que ali ia nascer a Casa do Artista. A 11 de setembro de 1999 foi finalmente inaugurada.

A Casa do Artista está implantada numa área que cobre mais de 10 hectares. Dominada por um amplo jardim, o edificado desenvolve-se em dois blocos ligados entre si por um edifício térreo. De um dos lados ficam as residências com os seus varandins largos, que permitem aos habitantes desfrutar de vista, sol e ar livre. Cada quarto dos residentes (alguns são casais) são pequenos retalhos de uma vida, decorados ao gosto de cada um, plenos de memórias, fotografias, objetos que marcaram vidas inteiras. O salão nobre não foge a esta regra. É o lugar de doações que foram criando cantinhos com nomes daqueles que habitaram cada um desses objetos. Aí está o cadeirão onde Maria Matos se despediu da vida, onde nunca mais ninguém se voltou a sentar. Uma escrivaninha de Rosa Lobato Faria, uma mesinha de memórias de Ivone Silva. São tantos.

As restantes valências prendem-se com os cuidados aos residentes: gabinetes médicos, ginásio, sala de fisioterapia, gabinete de psicologia. Uma pequena capela oferece um espaço de recolhimento espiritual. O refeitório e as salas de convívio oferecem áreas comuns de socialização e companhia. Também é ali que toda a família se reúne para assistir a pequenos espetáculos musicais, de magia ou teatro.

Em oposição ao bloco residencial fica o Teatro Armando Cortez, com a sua sala de 340 lugares e amplo palco, por onde também passaram grandes figuras do teatro e da televisão e onde foram televisionados muitos programas de grande audiência. É hoje a casa do Teatro Infantil de Lisboa. No mesmo bloco ficam as salas do Centro de Formação, onde funcionam diversos ateliês e aulas de dança e teatro dirigidos aos mais pequenos. Várias gerações ali se cruzam, dando vida à Casa. “Há muito afeto nesta casa, é uma casa de afetos”, diz Manuela Maria. Uma casa que também nos ensina que na vida somos todos primeiras figuras. 🎭





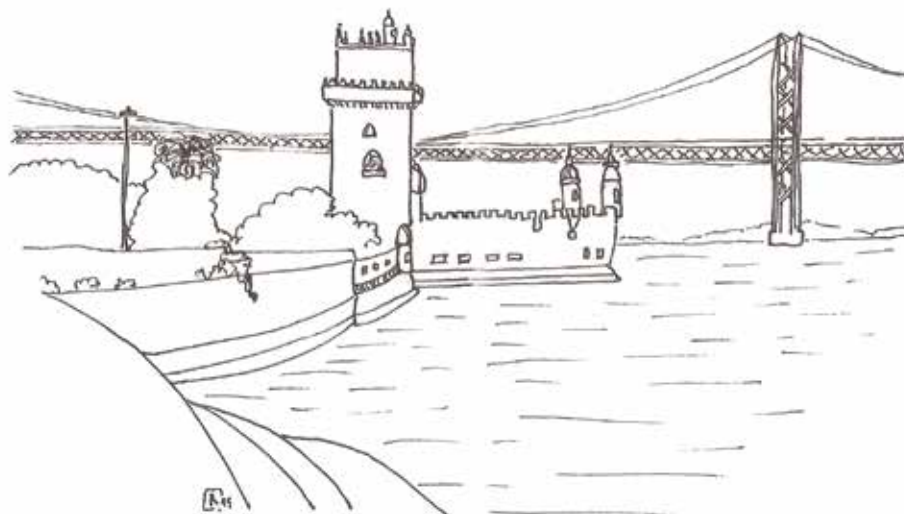
Lisboa

e os URBAN SKETCHERS

Os *Urban Sketchers Portugal* são um grupo de artistas que desenham em diários gráficos as impressões que vão recolhendo nas cidades onde vivem e nos locais por onde viajam. Os desenhos são publicados em blogue desde 2008, tendo ganho bastante popularidade e atraindo diariamente centenas de visitantes. A revista Lisboa não ficou atrás e visitou o blogue, do qual seleccionou, com a devida autorização, alguns desenhos da cidade.

<http://urbansketchers-portugal.blogspot.pt/>

[Ilustrações de Eduardo Salavisa, Helena Monteiro, Pedro Alves e Rita Carê]





FM-06.08.2015 - OS MODELOS DO ROSSIO

Coming Out E se o Museu saísse à rua?

Numa parceria entre a Câmara Municipal de Lisboa e o Museu Nacional de Arte Antiga, o Museu saiu à rua no Chiado, Bairro Alto e Príncipe Real.



São 31 obras-primas, em escala real, tal qual são expostas nas salas de um qualquer museu que irão surpreender quem passa habitualmente nestas zonas da capital.

O "Coming Out. E se o Museu saísse à rua?" pretende contribuir para a valorização da cidade enquanto destino cultural, seja dos que residem em Lisboa seja dos que a visitam.

A qualidade da impressão, as escalas das obras e as tabelas criam a ilusão que o Museu Nacional de Arte Antiga saiu, na verdade, à rua.

Mais informações:

<http://www.museudearteantiga.pt/>

ModaLisboa The Timers

"Quem são "The Timers"?"

Nós somos The Timers.

Este é o nosso tempo. Mas este tempo somos nós que o fazemos."

Este foi o lema da 45ª edição da ModaLisboa.



Nos dias 9, 10 e 11 de outubro a moda esteve de volta ao Pátio da Galé e aos Paços do Concelho com a apresentação das coleções dos principais criadores portugueses para o verão 2016.

Este ano houve novidades: a atribuição do prémio à melhor coleção do Sangue Novo, as novas promessas da moda nacional que marcaram o arranque da maratona de desfilés.

A ModaLisboa abriu-se a outros espaços da cidade, com a coleção de Nuno Gama a ser apresentada no edifício da Marinha Portuguesa e a de Dino Alves, a última destes três dias de moda, no Teatro São Luiz.

Os Dias do Desassossego

De 16 a 30 de novembro, os Dias do Desassossego vão levar Saramago e Pessoa às ruas de Lisboa.

Uma iniciativa da Fundação José Saramago e da Casa Fernando Pessoa que unem esforços para a realização da 3ª edição dos Dias do Desassossego.



Música, cinema, literatura, leituras em sítios públicos e muitas outras atividades em torno de dois dos maiores nomes da literatura em língua portuguesa vão dar a conhecer ainda mais a vida e obra dos escritores, para que as "suas palavras ecoem, desassossegadas, pelas ruas da cidade".

Mais informações:

www.josesaramago.org e www.casafernandopessoa.pt



eventos em destaque

OUT

DOC – Festival Internacional de Cinema

(Cinema São Jorge)

De 22 de outubro a 01 novembro

A representação do terrorismo no cinema e a forma como os realizadores o encaram será o tema de uma retrospectiva no DocLisboa, o festival dedicado ao documentário, marcado para a última semana de outubro, na capital.

MOSTRA ESPANHA 2015

(Teatro São Luiz, Teatro Maria Matos, Casa Fernando Pessoa, Fundação Calouste Gulbenkian, etc)

outubro, novembro e dezembro

A arte e a cultura de Espanha chegam a Portugal numa mostra bienal com diversos eventos nas mais diferentes áreas da cultura, como artes plásticas, fotografia, teatro, música, cinema, encontros entre outros.

Coming Out

wE se o Museu saísse à rua?

(Chiado, Bairro Alto, Príncipe Real)

Outubro, novembro e dezembro

Numa parceria entre a Câmara Municipal de Lisboa e o Museu Nacional de Arte Antiga, o Museu vai sair à rua no Chiado, Bairro Alto e Príncipe Real.

NOV

Lisbon & Estoril Film

(Teatro D. Maria II, Cinemateca Portuguesa, Cinemas Monumental, Nimas e no CCB)

De 6 de a 15 de Novembro

O Lisbon & Estoril Film Festival, que vai na sua 9ª edição, acontece entre os dias 6 e 15 de novembro, novamente nos concelhos de Lisboa e Cascais. A programação deste ano trará muitas novidades.

Dias do Desassossego

(Lisboa)

De 16 a 30 de novembro

Os dias do Desassossego vão levar Sarragamo e Pessoa às ruas de Lisboa.

Marketplace Lisboa

(Museu da Eletricidade)

19 de novembro

O Museu da Eletricidade acolhe este mercado social que tem por objetivo reunir no mesmo evento empresas, autoridades locais, escolas e Instituições sem fins lucrativos, onde a 'oferta' possa ser combinada com a 'procura'.

Mercado de Natal do Campo Pequeno

(Campo Pequeno)

De 28 de novembro a 2 de dezembro

O Campo Pequeno acolhe, uma vez mais, o maior Mercado de Natal só com projetos portugueses, maioritariamente inspirados nas artes e ofícios tradicionais.

DEZ

Natalis

(FIL - Parque das Nações)

4 a 8 de dezembro

Um mercado para as compras de mais originais a preços atrativos e onde não vai faltar a animação típica da época.

Vodafone Mexe Fest

(Avenida da Liberdade e espaços envolventes)

27 e 28 de novembro

De palco em palco a música mexe na cidade e volta à Avenida da Liberdade.

Natal em Lisboa

dezembro

Lisboa celebra o espírito natalício com diversas iniciativas que se vão multiplicar por toda a cidade.

Festa de Fim de Ano

Terreiro do Paço

31 de dezembro

O Terreiro do Paço volta a dar as boas vindas ao novo ano com um monumental espetáculo de música e cor, onde não vai faltar o tradicional fogo de artifício.



Teresa Ricou, conhecida como Tété, a mulher-palhaço, aceitou subir às muralhas do Castelo de São Jorge, uns metros acima do espaço Chapitô, projeto do qual é fundadora, para nos falar da sua paixão por Lisboa. Mas também sobre a magia que envolve as artes de rua.

[texto de Mafalda Ferraz | fotografia de Américo Simas]

À conversa com Teresa Ricou ... no Castelo de São Jorge

Natural do Porto, Teresa Ricou escolheu Lisboa para viver, criar e trabalhar: “Sou uma mulher do norte, mas no Porto as coisas não correram como previa”, recorda sem nostalgias. Por isso, quando a convidaram a vir para Lisboa não pensou duas vezes: “Aqui tinha muito mais espaço”, diz divertida.

Ricou saiu de casa dos pais aos 16 anos, viveu em Inglaterra e em França, onde frequentou escolas de arte, mas só por volta dos 20 é que conseguiu encontrar em Paris a liberdade para atuar e exprimir o que lhe ia na alma e, como artista, poder comunicar com o mundo: “Não havia escolas de circo, trabalhávamos no metro, na rua e fazíamos o nosso dinheiro, o ‘nosso chapéu’. Privilegio muito o trabalho de rua”, sorri.

Regressou a Portugal assim que soube da

Revolução de Abril de 1974. Desde essa altura que, através da arte, se mobiliza em ações de dinamização cultural, de recuperação de jovens em situação de risco, com espetáculos de intervenção e animação em bairros carenciados. Ao fundar o Chapitô concretizou o seu maior sonho: criou um centro artístico multicultural, centrado nas artes circenses, de mãos dadas com um projeto para jovens carenciados.

Aos 69 anos, Teresa quer agora construir outro Chapitô, junto ao porto de Lisboa: “Temos já uma escola de ensino secundário e estou a pensar em desenvolver uma de ensino superior, que não existe no nosso país, juntamente com um espaço para centro cultural. O local já existe, a vontade também, só temos que encontrar os parceiros indicados para isso”.



Mentora, fundadora e construtora do projeto Chapatô, com mais de 30 anos, Teresa viu o seu trabalho ser reconhecido inúmeras vezes a nível nacional e internacional. Em 2011, o Chapatô foi escolhido para representar Portugal no Prémio Europeu de Prevenção da Criminalidade, que decorreu na Polónia. Em 2012, o Chapatô foi vencedor, em ex-aequo, do Prémio Cooperação e Solidariedade António Sérgio (CASES), na categoria de Boas Práticas. E em setembro de 2015 foi o grande vencedor do prémio AGIR, da REN (Redes Energéticas Nacionais), com o projeto “Trupe Sênior” que prevê a integração de idosos do bairro do Castelo em *ateliers* artísticos dinamizados por jovens em situação de exclusão social.

É este bairro, são estas muralhas do Castelo, onde decorreu a nossa conversa, que continuam a inspirar Teresa Ricou: “Este Castelo é a nossa história, a nossa memória, um legado de futuro, um espaço absolutamente mágico. É um espaço de ensaio para nós, aberto ao público, trazendo desse modo a cultura para a rua, que é um dos nossos compromissos. Usufruímos o Castelo à hora de almoço, passeamos também com as nossas crianças, pois temos essa valência no Chapatô dedicada aos mais pequenos. O Castelo é um espaço de cultura muito especial da cidade de Lisboa.”

Sonhadora, a mentora do Chapatô admite que ainda não se sente preparada para delegar o seu projeto de vida: “Anseio encontrar uma equipa que mantenha a dinâmica, o espírito e a filosofia do Chapatô, que tem resultado junto dos mais desfavorecidos, dando oportunidades a todos, por via das artes do circo em paralelo com os centros educativos, que estão cheios de jovens à procura de uma hipótese e o Chapatô consegue responder a isso com grande sucesso”. Tal como anseia, para breve, voltar a subir aos

palcos com a Tété, a personagem que criou: “Os meus sapatos esperam e a minha cabeleira também mas tenho que ter respeito por mim própria e esse respeito é afirmando a minha arte”.

Esta força da natureza, responsável por um dos mais importantes projetos de inclusão social e educação pela arte, vive inquieta com o futuro da sua obra. “Sou uma pessoa livre e independente, mas sou também uma pessoa séria e que se agarra às causas e num campo de batalha sou uma lutadora. Este projeto tem sido a minha luta e não pretendo abrir mão”.

Ver vídeo em: <https://vimeo.com/142310290>



CASTELO DE S. JORGE

1100-129 Lisboa

1 nov a 28 fev | 9h00 às 18h00

1 mar a 31 out | 9h00 às 21h00

Telefone: 218 800 620

Email: info@castelodesaojorge.pt

Correio dos Leitores



Um agradecimento ao Agente Martins e à Polícia Municipal

Não sou automobilista e a maioria das viagens que faço dentro da minha cidade é através de transportes públicos.

Alfacinha há 32 anos, não posso deixar de louvar o trabalho de um agente da Polícia Municipal em particular, certa de que existirão outros merecedores de distinções e louvores. De há uns anos a esta parte o trabalho desta Polícia, enquanto entidade de "regulação e fiscalização do trânsito rodoviário e pedonal", ganhou mais visibilidade, em concreto na zona entre o Campo das Cebolas e o Cais Sodré, em virtude das obras de requalificação da Ribeira das Naus.

E é precisamente no largo do Cais Sodré que encontramos o agente Martins. Já o "encontrei" noutros pontos do trajeto Campo das Cebolas - Cais do Sodré, mas não é a mesma coisa, parece que a chama se apaga.

No Cais Sodré não. Domina o tráfego, o tempo dos sinais, repreende motoristas mais incautos, sorri, cumprimenta, faça chuva ou faça sol. Salta à vista de todos que desempenha ali a sua função genuinamente com gosto e brio, e nos dias que correm isto é raro. Não o conheço, ainda não tive oportunidade de lhe dizer tudo isto, mas admiro-o. Pela tenacidade, calma, espírito de sacrifício, profissionalismo e bom humor. Deveria certamente formar outros agentes. É uma mais-valia para a Polícia Municipal e principalmente para a cidade de Lisboa.

Bem-haja Agente Martins, obrigada por me inspirar e por aligeirar os efeitos da tortura Ribeira das Naus.

Ana Moreira
enviado por e-mail

Parque da Belavista

Estive a ler a revista municipal, supra referida, que achei interessante mas incompleta. Esse é o motivo deste e-mail pois moro na rua Bento Gonçalves e tenho janelas viradas para o Parque da Belavista que, segundo me disseram, é o maior parque de Lisboa, só superado por Monsanto.

Verifico que o mapa Lisboa É Verde que está nas páginas 4 e 5 não refere este parque mas refere Cais do Sodré e Santa Apolónia que como jardim pouco têm.

Gostei da revista embora incompleta e já fiz o meu comentário.

Manuel Pereira
enviado por e-mail

Resposta da revista Lisboa

O mapa que o nosso leitor refere destinava-se a assinalar equipamentos existentes nos jardins e parques (como zonas de merendas, de recreação infantil, de equipamentos de manutenção física ou desportivos, etc.). Mas, sendo o seu título "Lisboa é Verde", o leitor, a quem agradecemos o reparo, não deixa de ter razão: todos os jardins, parques e outros espaços verdes deveriam vir assinalados, mesmo sem tais equipamentos. Pelo lapso, as nossas desculpas.

A revista Lisboa convida os seus leitores a manifestar as suas opiniões ou comentários sobre os conteúdos da revista ou outros assuntos.

Podem enviar as suas mensagens para correio.leitores@cm-lisboa.pt ou por correio postal para: Revista Lisboa, Departamento de Marca e Comunicação, Rua de São Julião, 149 | 1100-524 Lisboa.

As cartas poderão ser editadas ou abreviadas por necessidade de clareza ou espaço.

A revista está disponível em versão braille, nos locais indicados em: www.cm-lisboa.pt/municipio/camara-municipal/publicacao-lisboa-versao-braille

CONTACTOS ÚTEIS

Câmara Municipal de Lisboa

Morada: Paços do Concelho - Praça do Município, 1149-014 Lisboa
Telefone: 213 236 200
gab.presidente@cm-lisboa.pt
www.cm-lisboa.pt | www.facebook.com/camaradellisboa

Balcão Único Municipal

Número azul: 808 203 232
www.cm-lisboa.pt/servicos

Na Minha Rua

Número azul: 808 203 232
<http://naminharua.cm-lisboa.pt>

Número de Socorro Municipal

Número azul: 808 215 215

S.Ó.S. Lisboa

Número verde: 800 204 204

Regimento de Sapadores Bombeiros

Morada: Av. D. Carlos I, 1249-071 Lisboa
Telefone: 808 215 215 | rsb.gc@cm-lisboa.pt

Polícia Municipal

Morada: Rua Cardeal Saraiva, 1070-045 Lisboa
Telefone: 217 225 200 | Número azul: 808 202 036 | pm@cm-lisboa.pt

COMO VAI
INVESTIR
2,5 MILHÕES
DE EUROS?

VOTE E DECIDA

ATÉ 15 DE NOVEMBRO PODE VOTAR ATRAVÉS
WWW.LISBOAPARTICIPA.PT
OU SMS Nº 4310 Nº DE PROJETO



LISBOA

CÂMARA MUNICIPAL

VOTE POR

SMS

Nº 4310

Nº PROJETO

**SMS
GRÁTIS**

LISBOA
EU VOTO!



Orçamento
Participativo '15

ORÇAMENTO PARTICIPATIVO DE LISBOA 2015
ESCOLHA O SEU PROJETO EM WWW.LISBOAPARTICIPA.PT

Juntos por todos.

Juntos para construirmos uma economia ao serviço das pessoas. Juntos por uma cidadania solidária, participativa e democrática. Juntos porque é na força de mais de 600 mil portugueses que nos protegemos, encontramos soluções e chegamos mais longe. Juntos por um, juntos por todos.

montepio.org

